

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / OUTUBRO, 1999 / Nº 2.047

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – Diante dos Tempos Novos

Cinqüentenário do Pacto Áureo – Do Apostolado de Bezerra de Menezes ao Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro

Pacto Áureo

Mensagem de Ismael – Ismael

Comemorações – Juvanir Borges de Souza

A Cúpula Sublime – Bezerra

Unificação – A Visão de Allan Kardec – Adilton Pugliese

Pronunciamentos no CFN, por Ocasão do 25º Aniversário do Pacto Áureo

Esflorando o Evangelho – Queixas - Emmanuel

As Convenções Humanas – Richard Simonetti

A FEB e o Esperanto – Ação do Movimento Esperantista – Affonso Soares

Trovas do Além – Correia Araújo e Casimiro Cunha

A Cidadania da Bondade – Carlos Augusto Abranches

Entidades Filantrópicas e Outras Sem Fins Lucrativos

Espiritismo e Renovação Social – Dalva Silva Souza

A Transfiguração – Mário Frigéri

Questões Acerca da Natureza do Espiritismo – IV – A “Ciência Oficial” – Silvio Seno Chibeni

FEB/CFN – Comissões Regionais – Reunião da Comissão Regional Centro

Seara Espírita

Nota: A ilustração de nossa capa evoca três fatos sumamente gratos aos espíritas. Primeiro com a efígie de Kardec, lembra o nascimento do insigne missionário da Terceira Revelação, ocorrido em Lyon, na França, em 3 de outubro de 1804. Depois, com a evocação do Pacto Áureo, comemora o cinqüentenário do inspirado Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro, que ocorreu em 5 de outubro de 1949.

E, finalmente, notícia a realização do 1º Congresso Espírita Brasileiro, em Goiânia (GO), de 1º a 3 de outubro de 1999.

Editorial

Diante dos Tempos Novos

O Movimento Espírita Brasileiro está comemorando meio século de vigência de um Acordo de suma importância para todos aqueles que têm clara consciência das suas responsabilidades na vivência da Doutrina Espírita – o Pacto Áureo.

Cumpre, nesta oportunidade, não só voltar as vistas para as realizações passadas que representam seguras conquistas resultantes do entendimento e da concórdia dos espíritas sinceros, mas também projetar o ideal da união fraterna no futuro, já que produziu tão preciosos frutos.

Como já lembrava Emmanuel, em 1952 *, “trabalhar pela Unificação dos órgãos doutrinários do Espiritismo no Brasil é prestar relevante serviço à causa do Evangelho Redentor junto à Humanidade”.

Realmente, não faltaram advertências do Cristo no que concerne à união, à fraternização, à mútua compreensão entre os seguidores da Sua Mensagem:

“Quem não está comigo, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha”.

“(…) e haverá um só rebanho e um só Pastor”.

“Toda casa dividida, rui”.

“Sereis conhecidos por muito se amarem”.

Por outro lado, toda a Codificação Espírita constitui-se numa unidade conceptual que deve refletir-se na prática da Doutrina e foi essa uma das preocupações do seu Sistematizador.

A Espiritualidade Superior, por sua vez, lembra aos espíritas, continuamente, a necessidade da **união**, como pressuposto da **unificação**.

Resta pois, aos espíritas – os “trabalhadores da última hora”- atentarem para as orientações superiores, conscientizarem-se de suas responsabilidades e seguirem à frente, com boa vontade, firmes nas suas convicções, entrelaçando o ideal abraçado com os pensamentos e ações de cada um, visando ao bem geral.

Sem dúvida, não se trata de tarefa simples, num mundo atrasado em que todos nós somos criaturas imperfeitas.

Mas os espíritas têm condições de, amparados pelas diretrizes que vêm do Alto, enfrentar os desafios dos tempos novos, desde que sejam fiéis ao Cristo e ao Consolador, estejam dispostos a sacrifícios e renúncias e prontos a deixar de lado o personalismo, o egotismo e a vaidade. ■

* Mensagem de Emmanuel psicografada por Francisco C. Xavier, inserta nos Anais do 2º Congresso Espírita Mineiro, realizado de 3 a 5 de outubro de 1952.

Cinqüentenário do Pacto Áureo

Do Apostolado de Bezerra de Menezes ao Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro

O Movimento Espírita Brasileiro comemora neste mês o qüinquagésimo ano do evento de mais alta significação em sua história.

Aos 5 de outubro de 1949, em memorável reunião entre diretores da FEB e representantes de diversas Federações e Uniões de âmbito estadual, firmava-se na sede da Federação, no Rio de Janeiro, o acordo que, pondo fim a injustificáveis divisionismos no seio da família espírita brasileira, concretizava a aspiração de sucessivas gerações, cultivada desde os primórdios do Espiritismo em nossa terra, no sentido de que ela se unificasse sobre as bases da união fraterna, da solidariedade e da tolerância.

Ao mesmo tempo que um justificado motivo de júbilo para todos os adeptos conscientes, o Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro também representa uma constante advertência sobre os prejuízos que o cultivo das paixões personalistas pode acarretar como conseqüência do afastamento da orientação cristã da Doutrina.

O Movimento Espírita Brasileiro, não obstante o fato de ser obviamente constituído por criaturas imperfeitas, escolheu, após longo período de conflitos e dissidências, o melhor caminho – e nele tem permanecido – para cumprir sua precípua finalidade de praticar e divulgar a Doutrina, a saber, o caminho da unidade na liberdade, o que implica fidelidade aos princípios fundamentais da Revelação, tolerância recíproca acima de todas as naturais divergências interpretativas sobre questões acessórias e união em clima de fraternidade e solidariedade.

Pelos seus belos resultados, o Pacto Áureo demonstrou frisantemente a necessidade de jamais perdermos de vista o caráter unitário da Doutrina e a sua estreitíssima, indissociável vinculação à pura doutrina do Divino Messias, se efetivamente desejamos servir aos superiores ideais da Revelação que nos congrega e felicita os corações.

Ao longo desses cinqüenta anos, ilustres cronistas têm revivido, em fecundos artigos, em circunstanciados noticiários, a história do Acordo de 1949, com vistas a que seus ideais se conservem sempre vivos no coração das sucessivas gerações de espíritas. Nosso mensário naturalmente se fez o mais rico repositório das lembranças em torno de suas causas, remotas e imediatas, seu contexto, protagonistas, vicissitudes, e é desse fecundo material que colhemos, visando ao mesmo objetivo dos predecessores, a substância para a presente comemoração.

*

O Evangelho, em sua imortal sabedoria, adverte que uma casa dividida contra si mesma caminhará fatalmente para a ruína. Efetivamente, todos conhecemos por experiência própria, nos mais diversos setores da atividade humana, os resultados funestos das dissensões, da discórdia, do desamor. O exemplo do Cristianismo oferece melancólica ilustração dessa verdade. Não obstante jamais se haver apagado o brilho imortal do pensamento e das ações

do Cristo nas páginas do Evangelho, as igrejas que surgiram desse vigoroso tronco perderam-se em mesquinhas divergências, subdividiram-se em numerosas seitas, esquecendo ou desprezando o fundamento sempre voltado para a união, a humildade, a caridade, a tolerância.

Allan Kardec preocupou-se em prevenir o Espiritismo contra semelhantes tropeços, absolutamente certo de que, se a Doutrina é pura e incorruptível, o movimento, a organização dos homens para praticá-la e divulgá-la é suscetível dos mesmos prejuízos que dificultaram a ação do Cristianismo. Nesse sentido, cuidou de formular com clareza e precisão o sistema doutrinário que se ergueria sobre as revelações espirituais a lhe chegarem de todos os lados, veiculadas através de inúmeros médiuns. Sobre esse fundamento não deveria pairar nenhuma dúvida que, no futuro, pudesse engendrar interpretações divergentes. Estas só caberiam no terreno dos pontos não essenciais e teriam sua justificativa no fato de que diversas seriam as maneiras de cada um interpretar e aceitar as revelações e elucidações que girassem em torno desses pontos não essenciais.

Com isso, Allan Kardec assegurava ao conjunto dos adeptos, vale dizer, aos movimentos organizados, uma das bases de sua efetiva UNIFICAÇÃO: a unidade doutrinária, sem a qual eles resvalam para a divisão, a fragmentação em cismas e seitas.

A outra coluna sustentadora da Unificação surge da vivência dos princípios morais da Doutrina, os quais revivem, em sua pureza primitiva, os princípios ensinados e exemplificados por Jesus, a saber, amor fraterno entre os adeptos, solidariedade, tolerância, numa palavra, UNIÃO. Seu efeito unificador se verifica de modo bem positivo justamente no terreno em que surgem as divergências interpretativas quanto a pontos não essenciais, a métodos de trabalho, a formas de organização.

A unidade doutrinária e a união fraterna e solidária dos adeptos são, portanto, pressupostos fundamentais da Unificação.

Enquanto encarnado, Allan Kardec, pela sua autoridade intelectual e moral, personificava, com a sua atuação, a própria unificação. Não perdia de vista, porém, o Codificador, a época em que a sua ação pessoal cessaria, devendo efetivamente ser substituída, mas sem qualquer prejuízo, de modo que não ruísse pela base, ao longo dos anos, a construção por ele iniciada.

É nesse sentido que, preocupando-se com o futuro do Espiritismo, do ponto de vista de sua prática de uma organização que lhe assegurasse terreno firme para a sua difusão, Allan Kardec se dedica a um Projeto a que dá o nome de “Constituição do Espiritismo” e no qual avulta a concepção de uma direção central capaz de sustentar os pilares da indispensável unificação, *“em condições de força e estabilidade, que a ponham ao abrigo de todas as necessidades da causa e oponham intransponível barreira às tramas da intriga e da ambição”*.¹

A esse núcleo diretor das atividades do Movimento Espírita, destinado a guardar e vigiar a unidade progressiva da Doutrina, a sustentar a unificação, Kardec deu o nome de “Comissão Central”, cujo estabelecimento assinalaria a mudança da fase de um comando individual na marcha do movimento espírita para uma direção coletiva, com a mesma autoridade moral. *“Compreende-se [diz ele] que sem uma autoridade moral capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os fracos, de sustentar os ânimos vacilantes, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo correria o risco de caminhar ao léu. Não somente essa direção é necessária, como também preciso se faz que preencha condições de força e de*

estabilidade suficientes para afrontar as tempestades.

“Os que nenhuma autoridade admitem não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam poder dispensar toda direção, a maioria, os que não se crêem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança.”²

Inspiradíssimo estava o Codificador, quando procurou balizar o caminho do Espiritismo a partir do momento em que se daria essa transição.

*

Entre nós – afirma-o Humberto de Campos (Espírito) em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”- “as falanges de Ismael estavam vigilantes”, pois seria aqui, para onde Jesus havia transplantado a Árvore do Evangelho que se instalaria o centro de irradiação do Espiritismo Cristão com vistas à Nova Era, centro cuja expressão visível se concretizaria na Federação Espírita Brasileira, com a sua organização ideal para abraçar, em inquebrantável unidade, todos os núcleos de difusão da Doutrina em nosso país, mesmo aqueles que dela se conservassem afastados mas que a ela sempre estiveram ligados no plano espiritual.

Seguindo seu luminoso planejamento, com o beneplácido do Divino Mestre, Ismael (o Anjo do Senhor) ensaia a organização dos primeiros núcleos doutrinários no Brasil, agrupando, em 1873, no Rio de Janeiro, um pugilo de valorosos pioneiros para a fundação do “Grupo Confúcio”, onde ele próprio se manifesta para definir o caráter das atividades espíritas no Brasil, base sobre a qual se asseguraria a união fraterna, a unidade doutrinária, numa palavra unificação:

“A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho, em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever a que se obrigaram antes de nascer deverão, pois, reunir-se debaixo deste pálio trinitário: Deus, Cristo e Caridade. Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael.”³

A arremetida da sombra, consciente do poder unificador de um programa assentado sobre a rocha inabalável do Evangelho, não se faz esperar, e, explorando a vulnerabilidade do caráter humano, ainda inclinado às seduções da vaidade, arrefece a unidade do Grupo, que acabaria desaparecendo em 1879.

Membros do “Grupo Confúcio”, sob a liderança de Bittencourt Sampaio, fundam em 1876 a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”, com programa inspirado nas exortações de Ismael.

Sucede-lhe, como fruto de sua capitulação às influências desagregadoras, a “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, cujos membros – afirma-o Pedro Richard, em REFORMADOR de 15 de setembro de 1901 – “se distinguiriam, não pelas virtudes de cada um, mas pelo seu cabedal científico. O amor, a caridade, a humildade, enfim as virtudes, não mais teriam cotação naquele Centro. Só a ciência, a pretensa sabedoria lhes merecia a honra da atenção”.

Transporta-se, porém, em 1880, o estandarte luminoso – Deus, Cristo e Caridade – para a sucessora da “Acadêmica”, a “Sociedade Espírita Fraternidade”, carregado pelos mesmos fiéis discípulos, tendo à frente os vultos de Bittencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão e do notável médium Frederico Pereira da Silva Júnior. Também aí as forças da sombra encontram terreno favorável para a sementeira da discórdia, e o grupo, sob as mesmas influências

negativas, se transforma em “Sociedade Psicológica Fraternidade”, que desaparece em 1893, quando a Federação, com nove anos de existência, já se preparava para assumir a missão de executora do Programa de Ismael nos círculos espíritas do Brasil, vale dizer, promover a união e a unificação.

É na “Sociedade Espírita Fraternidade”, nos anos de 1888 e 1889, que o Espírito Allan Kardec, ante o lamentável quadro da desorganização e desunião em que se encontrava a família espírita, convoca os inúmeros grupos então existentes a que se unam, se harmonizem “na prática do estudo, da caridade e da unificação”, ao mesmo tempo que reprova aqueles que se constituíam em elementos de desagregação.

As exortações do Codificador revestem tal gravidade que encontram calorosa acolhida na maioria dos adeptos, principalmente no coração missionário de Bezerra de Menezes que, em 1889, exercia, pela primeira vez, a presidência da Federação Espírita Brasileira. Decide-se ele por medidas práticas que dessem início à efetiva união dos espíritas e à unificação de suas atividades. Certo de que a missão de dirigir e orientar a família espírita, na consecução desse superior objetivo, cabia à Federação Espírita Brasileira, Bezerra de Menezes nela instala, em 21-4-1889, o “Centro da União Espírita do Brasil” que, todavia, teve a sua atuação malograda por ainda ressentir-se a família espírita de uma certa falta de amadurecimento, não obstante a maioria reconhecer necessário e inadiável o passo para se congregarem em torno de um único núcleo diretor e orientador, como preconizara Allan Kardec em seu Projeto de 1868. A errônea interpretação em torno dos aspectos que revestem a Revelação dos Espíritos separava os adeptos em duas correntes – “científicos” e “místicos” – , isto é, a dos que viam no Espiritismo apenas uma ciência, e a dos que, com razão, lhe aceitavam as conseqüências de ordem moral, ou seja, o seu caráter cristão, explicitamente definido em “O Livro dos Espíritos”.

Esse “Centro”, por iniciativa de Afonso Angeli Torteroli, se reinstalaria em 1894, com os mesmos objetivos de unir a família espírita e unificar as suas atividades doutrinárias, realizando suas reuniões, de início, na própria sede da Federação. Bezerra de Menezes e muitos outros ilustres e respeitados espíritas da época pertenciam à sua diretoria, mas, pelos desvios que ali começavam a ser perpetrados, Bezerra, em 1896, e, após ele, mais outros cinco diretores se desligam, vindo o “Centro” a se dissolver em 1897. As associações a ele filiadas elegem então a Federação Espírita Brasileira como o centro do Espiritismo no Brasil, a qual, pelo REFORMADOR de 15-3-1897, ponderou que *“se se entende por tal a unificação, ou melhor, a uniformidade de pensamento e de ação na propaganda da Doutrina Espírita, essencial e fundamente moral”*, ela se sente feliz em aceitar a filiação de todos os grupos, mas *“de acordo com a orientação claramente manifestada nas colunas do Reformador”*.

O leitor não perca de vista que Bezerra de Menezes, desde 1895, exercia a presidência da Federação pela segunda vez, nela já imprimindo a definitiva orientação evangélica que até hoje inspira sua ação unificadora. O grande missionário retorna ao plano espiritual em 1900, deixando consolidada essa base, absolutamente indispensável ao erguimento da Obra de Ismael. Impunha-se agora aos sucessores de Bezerra definir a forma pela qual a Casa de Ismael congregaria em torno de si a sempre crescente família espírita do Brasil. Nesse particular, convém lembrar que essa forma de organização já lhe havia sido intuitivamente impressa no próprio nome, uma vez que à época de sua fundação (1884) nada havia ainda a *federar*, e assim ela nascia *Federação* sem, efetivamente, o ser.

*

Em 1901, na presidência de Leopoldo Cirne, a Federação promove a reforma de seu Estatuto com vistas a, entre outros objetivos, implementar o sistema federativo segundo o qual se faria a ela a filiação das agremiações espíritas espalhadas pelo País. Esboçavam-se as bases para uma efetiva unificação, cujo significado então se definiu como união solidária e fraterna, com sustentação da autonomia individual, patrimonial e administrativa das entidades filiadas. Multiplicam-se os pedidos de adesão, vindos de todo o território nacional, com o que se ampliavam os limites da organização federativa.

Mas é em outubro de 1904, por ocasião do centenário de nascimento de Allan Kardec, que representantes dos núcleos espíritas dos Estados do Amazonas, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, bem como de grande número de Instituições Espíritas sediadas na antiga Capital Federal, reunidos a convite da Federação para os festejos comemorativos do grande evento, firmam em conjunto um importante documento que ficou conhecido como “Bases de Organização Espírita”, o qual passou a orientar a marcha do Movimento Espírita no Brasil.

O pensamento dos espíritas brasileiros, ali expresso, refletia os princípios fundamentais preconizados por Allan Kardec na Constituição do Espiritismo, com vistas às bases para a unificação do Movimento Espírita: unidade doutrinária com os seus aspectos científico, filosófico e religioso, união fraterna e solidária dos adeptos e uma direção central apta a guardar essas bases.

A partir daí, verificou-se um significativo crescimento do Movimento Espírita Brasileiro, evidenciado na fundação de grande parte das Federativas Estaduais e de inúmeras agremiações espíritas. Tudo indicava que a paulatina concretização das aspirações de Allan Kardec e dos primeiros espíritas do Brasil não encontraria empecilhos de monta, uma vez que era geral a consciência da necessidade de unificação com os seus pressupostos de união fraterna, unidade doutrinária quanto aos princípios fundamentais da Revelação e reconhecimento da autoridade moral de uma direção central.

O processo, todavia, foi lento, porque, durante algumas décadas, divergências e incompreensões desperdiçaram preciosas forças, retardando a programação de Ismael.

Em 1925, surge a idéia de se instalar uma “Constituinte Espírita Nacional”,⁴ com propósitos unificadores, mas a iniciativa reduz-se aos limites de uma Assembléia, em 31-3-1926, da qual resultou a fundação, nessa mesma data, da Liga Espírita do Brasil, entidade que se propunha também a federar as instituições espíritas, mas que, mais tarde, subscrevendo o Acordo de 1949, se transformaria em Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional.

Nesse entremeio, o trabalho da Federação prosseguia cumprindo o Programa de Ismael, e, no mesmo ano de 1926, de 3 a 8 de outubro, sob os seus auspícios, realizava-se a primeira reunião do Conselho Federativo criado na reforma do Estatuto da FEB, em dezembro de 1924, e composto pelos Delegados das Associações Espíritas Federadas. Nessa reunião, a Casa de Ismael vê tomar corpo, para futura consolidação, a forma inicial de sua Organização Federativa, graças principalmente ao fervor do 2º Secretário Guillon Ribeiro, alma toda dedicada aos ideais da solidariedade e da fraternidade entre os membros, individuais e coletivos, da família espírita do Brasil.

Em outubro de 1933, sempre sob o patrocínio da FEB, realiza-se a

segunda reunião do referido Conselho, na qual se ratificam os princípios da organização Federativa, aperfeiçoando-lhe a estrutura, ampliando-lhe o alcance, alargando-lhe os objetivos.

Nesse período, apesar do acirramento das questões divisionistas, a Casa de Ismael sempre mais e mais se afirma como a condutora dos trabalhos do Espiritismo em nosso País, no rumo da Unificação.

Os anos de 1947 e 1948 assinalam a ocorrência de eventos, de âmbito estadual e nacional, que evidenciam a acentuada conscientização do Movimento Espírita a respeito da necessidade da união de forças, do conagração, da concórdia, em todos os níveis de sua atuação, já se destacando, fora dos círculos da FEB, os vultos de Lins de Vasconcellos, Carlos Jordão da Silva, Noraldino de Mello Castro, Leopoldo Machado, Francisco Spinelli, Aurino Souto, Roberto Pedro Michelena, Pedro de Camargo (Vinicius), entre tantos outros valorosos e sinceros servidores da seara espírita, cujo amor à causa da unificação arrastava indivíduos e organizações a cerrarem fileira em torno da nobre bandeira.

Por essa ocasião, o então Presidente da Federação Espírita Brasileira, Antônio Wantuil de Freitas, nega-se a aceitar proposta do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, convocado pela USE – União Social Espírita (atual União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), realizado na cidade de São Paulo, de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, segundo a qual se deveria criar uma Confederação ou um Conselho Superior do Espiritismo. A Delegação que apresentou a proposta do Congresso, formada pelos representantes da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, Ten. Cel. Roberto Pedro Michelena, Marcílio Cardoso de Oliveira, Dr. João Pompílio de Almeida Filho e Francisco Spinelli, ainda insiste em seu propósito, valendo-se da intervenção de Lins de Vasconcellos, amigo pessoal e íntimo de A. Wantuil, mas o saudoso presidente, pelas suas sólidas convicções, recusa-se a tratar do assunto.

Aproximando-se a última quadra de 1949, pressentia-se positivo desfecho para os esforços dos adeptos sinceros, empenhados na união de toda a família espírita. No mês de outubro, realizava-se, no Rio de Janeiro, o II Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA). Lins de Vasconcellos aproveita o ensejo para pedir a Antônio Wantuil que mais uma vez recebesse a Delegação do Congresso realizado em São Paulo no ano anterior. O presidente recusa-se, mas informa que teria muito prazer em ouvi-la, se com a Delegação viessem todos os representantes de sociedades de âmbito estadual que então se encontrassem no Rio tomando parte no Congresso da CEPA.

“Assim é que [escreve Sylvio Brito Soares no artigo Vinte Anos de Pacto Áureo!, em REFORMADOR de outubro de 1969] no dia 5 de outubro de 1949, com a presença de inúmeros confrades de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, além de outros do então Distrito Federal, realizou-se na sede da Federação Espírita Brasileira uma reunião presidida pelo seu Presidente, Sr. Antônio Wantuil de Freitas. Nela, o Coronel Roberto Michelena, chefe da Delegação do Congresso paulista, propôs a criação de um Conselho Superior do Espiritismo, formado por três membros. O presidente da Federação, após argumentar contra a proposta, põe-na em discussão e votação sendo unanimemente rejeitada. E como ninguém mais quisesse usar da palavra, o Presidente da Federação, após ligeira exposição sobre todos os acontecimentos, apresentou uma proposta, em nome da Diretoria da Casa de Ismael, a qual continha dezoito itens que, lidos, foram unanimemente aprovados (...). E desde então a harmonia se estabeleceu em todo o meio espírita brasileiro, malgrado raras e inevitáveis vozes discordantes.”

O memorável encontro ficou conhecido como a *Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro*, cuja Ata, reproduzida nas páginas seguintes desta edição, expressava os pontos essenciais para que se concretizassem os anseios de confraternização da família espírita brasileira, em perfeita harmonia com o Programa de Ismael.

Não se limitou exclusivamente aos signatários da Ata o número daqueles que aprovaram os resultados do grande evento. Muitos não puderam esperar a lavratura do documento, como Leopoldo Machado, Manuel Jorge Gaio, Armando de Oliveira Assis, João de Oliveira e Silva, Carlos Lomba, Sylvio Brito Soares, F. V. Rocha Garcia, Paulo Ludka e Alfredo Félix da Silva. Outros logo manifestaram seu apoio, a saber: Néelson Batista de Azevedo, pela União dos Discípulos de Jesus, J. Bezerra de Vasconcelos, então Presidente da União Espírita de Pernambuco, Geraldo de Aquino, Diretor da *Hora Espiritualista João Pinto de Souza*, Oli de Castro e Álvaro Paes Nascimento, delegados do Pará.

Duas comunicações mediúnicas selaram o acontecimento com a chancela das Superiores Esferas Espirituais. A primeira se deu ainda no desenrolar do encontro, quando, após a prece de encerramento proferida por Vinícius, o Espírito Guillon Ribeiro manifesta seu incontido júbilo através das faculdades psicofônicas de Oswaldo Mello. A segunda se verifica, naquele mesmo dia, durante os trabalhos do “Grupo Ismael”, psicografada pelo médium Olympio Giffoni e trazendo a assinatura do próprio Ismael. Esta importantíssima mensagem encontra-se em página seguinte do presente número de nossa revista.

Muitos foram os que na época se pronunciaram com sincera emoção sobre o magno Acordo, mas dentre todos destacamos, pela sua absoluta insuspeição, o vulto do Prof. Leopoldo Machado, cujo testemunho, colhido no livro “A Caravana da Fraternidade”, edição do Lar de Jesus, Nova Iguaçu-RJ, (1954), expressa a clara percepção do a que ele chamou *Santa Aliança Espírita*:

*“Não teria vindo o PACTO ÁUREO para a colimação da **unidade de princípios** e como um empurrão na **bandeira, que é uma só, e para aquele mesmo fim**? Não será o Pacto Áureo aquele convite providencial às sociedades sérias, para que exista no meio espírita a união, a simpatia, a fraternidade que ainda não existem, infelizmente?*

Assim o achamos.

E por assim o acharmos, não descobrimos no Pacto Áureo nenhuma sociedade que se arrogue superioridade sobre as outras?

A Federação Espírita Brasileira, será?

Não o cremos.

*Ela convida, apenas, através do Pacto Áureo, para a colimação da **unidade de princípios, outras sociedades sérias**; procura agrupar a seu redor **todos que assim pensarem**.*

E que outra Instituição teria tanta autoridade e mais força para o convite?

Foi pensando assim que hipotecamos solidariedade incondicional ao Pacto Áureo (...).”

Nitidamente concretizado o ideal da união, do conagraçamento da generosa família espírita brasileira, na forma daquele encontro de vontades que foi o Pacto Áureo, cumpria agora formalizar aquilo que lhe seria o instrumento para erguer a conseqüente unificação, dar a esta um organismo, como aliás previsto no item 2º do Acordo de 1949, segundo o qual a Federação deveria criar “*um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de*

executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa”.

Instala-se esse Conselho Federativo Nacional em 1º de janeiro de 1950, tendo a seguinte composição:

Ismael Gomes Braga – Rio Grande do Norte
José Augusto de Miranda Ludolf - Paraíba
Alcides Neves Ribeiro de Castro – Pernambuco
Ubaldo Ramalhete Maia – Espírito Santo
Miguel Timponi – Minas Gerais
Carlos Imbassahy – Rio de Janeiro
Carlos Jordão da Silva – São Paulo
Arnaldo Claro São Thiago – Santa Catarina
Arthur Lins de Vasconcellos Lopes – Paraná
Severino Antônio da Cunha – Rio Grande do Sul
Aurino Barbosa Souto – Distrito Federal

Aos 8 de março do mesmo ano, o Conselho dirige aos espíritas uma Proclamação, firmada pelo Presidente A. Wantuil de Freitas e pelo 1º Secretário José Augusto de Miranda Ludolf, de que transcrevemos o seguinte trecho:

“Urge, portanto, que todos os Espíritas se unam, sem rivalidades nem competições, em torno da FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, fazendo-se representar no CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL todas as instituições de âmbito estadual, a fim de que esse grande movimento da fraternidade e compreensão, incontestavelmente já vitorioso, possa produzir os magníficos resultados por todos justificadamente esperados e ansiosamente desejados”.

Tão promissoras se mostravam as perspectivas abertas pelo grande passo dado pelos espíritas brasileiros, que elas fizeram irromper as mais sentidas efusões na alma fiel do então Presidente da Casa de Ismael, Antônio Wantuil de Freitas, sinceramente evidenciadas no Relatório que apresentou à Assembléia Deliberativa (hoje Conselho Superior) sobre a sua administração no período de julho de 1949 a junho de 1950:

“Esse conagraçamento geral, essa unificação que harmonizará o esforço e a orientação de todas as Entidades Espíritas de nossa Pátria, objetivo máximo desta Casa, grande anseio que desde o século passado fez vibrar a alma de Bezerra de Menezes, inolvidável e incansável pugnador da obra de metodizar e unificar a prática do Espiritismo, já não é um sonho, mas realidade sentida, visível e em plena execução.

.....
O tempo correu. E, em seu transcurso, foi ensejando aos homens o ajustamento e o reajustamento das coisas, consolidando aspirações e afervorando anseios, dando-lhes rumos por escalas de aperfeiçoamentos objetivados e estudados, sempre em graus progressivos, tudo a evoluir para os primores da eficiência. É que os Espíritos trabalhavam o terreno, à espera do momento para que tudo se concretizasse em ocasião propícia, nunca fora do tempo justo e predeterminado.

Enquanto aqui aguardávamos, solícitos e ansiosos, que se mirrassem dissidências e surgisse a oportunidade de eclosão desse glorioso evento, lá, em diferentes Estados, a mesma idéia germinadora desse ideal de união agigantou-se no desejo e na consciência de todos, pois que cumpria à Federação aguardar

o choque de retorno, isto é, que esse mesmo velho e acariciado pensamento voltasse ao âmbito central, já agora partindo da periferia.

Pura obra dos Espíritos!

.....
Damos graças a Jesus e louvamos a Ismael, com profundo agradecimento aos nossos Maiores do Espaço, nos quais pomos fé e inquebrantável confiança como norteadores dos nossos deveres nesta Casa a que procuramos servir lealmente, embora as nossas deficiências.”

*

Restava, como indeclinável legitimação ao Acordo, a adesão de todos os membros da grande família espírita brasileira. Os que o subscreveram tinham a clara consciência da necessidade de estendê-lo à imensa fração dos que militavam nas regiões do Norte e do Nordeste brasileiros e não puderam se representar na Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro. Com esse objetivo e inspirados no fervor apostólico dos primeiros arautos do Cristianismo, seis valorosos confrades – Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Ary Casadio, Leopoldo Machado e, mais tarde, Luís Burgos Filho – iniciam, em 31 de outubro de 1950, uma excursão coletiva, às suas próprias expensas, assim formando a célebre “*Caravana da Fraternidade*”, cuja ação se encerrou em 13 de dezembro do mesmo ano, na cidade de Belo Horizonte (MG), tendo sido visitados onze Estados daquelas regiões, desde a Bahia até o Amazonas. Os resultados excederam as expectativas, dando abençoados frutos de confraternização, esclarecimento e consolidação dos ideais de unificação.

A partir daí, ao longo desses cinqüenta anos de vigência do Pacto Áureo, a história da união dos espíritas brasileiros e da unificação paulatina de suas atividades é a própria história do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, cujas realizações mais significativas e diretrizes gerais serão estampadas em próximo número desta revista.

Em artigo publicado em REFORMADOR de outubro de 1997, sob o título *O Conselho Federativo Nacional e a Unificação do Movimento Espírita*, o nosso Presidente Juvanir Borges de Souza declarava: “*O Pacto Áureo, base para o entendimento entre as Instituições Espíritas do País do Cruzeiro, tornou possível uma nova fase de difusão do Espiritismo no Brasil, dentro do princípio de liberdade, intrínseco na Doutrina, viabilizando a convivência fraterna entre irmãos muito próximos, sem uniformização do pensamento e da ação.*”

Ao encerramento da Reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, em novembro de 1997, significativa moção de apoio à Federação Espírita Brasileira foi apresentada e aprovada por todas as Sociedades componentes do CFN, a demonstrar o equilíbrio, a harmonia e a compreensão reinantes naquela assembléia de dedicados trabalhadores.

Coroando esse memorável reunião, o Espírito Bezerra de Menezes, em bela mensagem psicofônica, pelo médium Divaldo Franco, deixou-nos este alerta:

*“A unificação dos espíritas é trabalho para todos os dias, para todas as horas do nosso Movimento. Paulatinamente é conquista realizada, passo a passo, **urgente**, porquanto se torna necessária, para que a fragmentação, para que as dissensões, para que o egotismo dos indivíduos e dos grupos não semeiem discórdias graves nem ameacem o patrimônio doutrinário.” ■*

-
1. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 19. Ed. Rio [de Janeiro], FEB, 1983, p. 354-355.
 2. Id. *Ibid*, p. 351.
 3. ABREU, [Silvino] Canuto. *Bezerra de Menezes (subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895)*. 3. Ed. São Paulo: FEESP, 1987, p. 32.
 4. Wantuil, Zêus. *Grandes Espíritas do Brasil*. 3.ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1990, p.447.

Bibliografia

Além das obras mencionadas nas *Notas de rodapé* também foram consultadas as seguintes fontes:

- XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Ditado pelo Espírito Humberto de Campos, 11. Ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1977.
- BRAGA, Ismael Gomes, *Elos Doutrinários*. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1978.
- BRASILEIRA, Federação Espírita. *Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*. 2. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1924.
- RIBEIRO, Guillon. *Trabalhos do Grupo Ismael*. Volume I. Rio de Janeiro: FEB, 1941.
- 'REFORMADOR'. Coleções de 1904, 1924 a 1926, 1933, 1948 a 1952, 1957, 1960, 1969 e 1970, 1973 a 1980, 1982 a 1986, 1989 a 1992, 1994 a 1997.

Pacto Áureo

Grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro:

Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira e os representantes de várias Federações e Uniões de âmbito estadual: Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949), na sede da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da F.E.B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bênçãos para todos os obreiros da Seara Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade, e depois de longo e coordenado estudo do Movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, “ad referendum” das Sociedades que representam:

- 1) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. – 2) A F.E.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa. – 3) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho. – 4) Se isso não for possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho. – 5) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos. – 6) Considerando que desde a sua fundação a F.E.B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão – “Reformador”-, fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional. – 7) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas espíritas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira. – 8) No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que se reúnam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1º de Janeiro de cada ano 1. – 9) Anualmente, em sua primeira reunião do mês de Agosto, o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da FEB, será entregue ao tesoureiro dessa 1. – 10) Cabe à Federação Espírita Brasileira entrar com cinquenta per cento do que for determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinquenta per cento ser distribuídos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho 2. – 11) Na escrita da F.E.B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho. – 12) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente

independentes. A ação do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil. – 13^o) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caráter puramente Espírita – 14^o) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à sementeira cristã. – 15^o) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalhos seu individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo conselho. – 16^o) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem. – 17^o) Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades. – 18^o) Se alguma colidência encontrar, pedirá ele se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, a escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos. A) Oswaldo Mello, secretário. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcirio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo – Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira. Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento, com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita, convidou o confrade Pedro Camargo – Vinícius a proferir a prece final, de encerramento dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na sementeira do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor, Eu, Oswaldo Mello, subscrevo e assino, como testemunho da verdade: Oswaldo Mello.

1. Texto modificado pelo C.F.N., em 29-8-55.

2. Texto modificado pelo C.F.N., em 6-11-55.

Mensagem de Ismael

(DE REGOZIJO PELA ASSINATURA DO PACTO ÁUREO)

Ajuda-me, Jesus! Ajuda-me, Mãe Santíssima! Irmãos! Filhos de minha alma, fiéis aprendizes de minha humilde oficina na grande forja do Mestre e Senhor! – Eu vos saúdo e abençoo, em nome desse mesmo Mestre e Senhor, pedindo recebais meus votos em vossos corações e os transmitais a todos os obreiros da seara divina, aos trabalhadores de última hora que fazem jus ao salário e se entregam à tarefa com toda a dedicação.

Sim! O fruto amadureceu. E, na hora precisa, por todos pode ser saboreado, meus amigos – por todos os arrebanhados por mim para preparar o celeiro. Na Pátria do Cruzeiro, homens falíveis criaram separações imaginárias, embora no fundo seus corações buscassem a Jesus. Os que os assistiam mais de perto sabiam que, a seu tempo, o véu que lhes encobria a verdade viria a ser afastado e o reino do entendimento raiaria entre eles, para que unidos buscar pudessem o reino da Paz, aquele que só Jesus está em condições de distribuir entre os homens. Avante, caravaneiros da Pátria do Evangelho! Não permitais que o homem velho sufoque o novo que surge das páginas do Livro santo! Que a humildade seja a vossa primordial arma, a exemplo de Jesus. Que a renúncia, amigos, vos secunde em todos os atos para buscardes e terdes em vós o reino dos Céus. Jamais impere o personalismo em vossos corações. Todas as vezes que a luta pela conquista do bem se vos tornar áspera e encontrardes dificuldades em vencê-las, orai, amigos da caravana que se não extingue. Orai! Orai! Elevai-vos acima de vós mesmos nas asas da prece e, na volta, certamente trareis um Anjo do Senhor convosco.

Testemunhos, nós os teremos que dar. Decepções, vós as encontrareis ainda. Mas, que dizemos do Sermão da Montanha, se não houvera decepções? Benditos os que padecem perseguições e injúrias! Benditos os aflitos! Benditos os que sofrem carência de justiça!

As lutas terão que atingir-nos incessantemente. Todavia, se tivermos Jesus no coração, a fé que remove montanhas e a consciência tranqüila do dever bem cumprido – diante da dor nada deveremos temer. Caminharemos sempre.

Daqui faço um apelo aos meus colaboradores na divulgação do Evangelho, nesta parte do hemisfério, para que a lição recebida no dia de hoje fique gravada em suas almas. Que jamais irmãos movidos pelo mesmo ideal se entrechoquem, por não haver

tolerância, por não haver renúncia, por não haver humildade. Que a Confraternização, hoje festejada por todos os corações que se guiam pelas luzes da Terceira Revelação, possa servir de marco a uma nova era de entendimento através da propaganda dos ensinamentos evangélicos, da difusão da Luz aos mais longínquos recantos da Terra, da caridade indispensável aos que sofrem, encarnados ou desencarnados, necessitados do pão material ou do espiritual.

Se minhas palavras vos merecerem fé, guardai-as em vossos corações. Cheguem elas, se possível, a todos quantos se interessam pela Paz e pela Harmonia universais.

Que Deus vos abençoe e ilumine. Que a Virgem Santíssima vos envolva em seu Amor.

Em nome do Divino Mestre e Senhor, em seu sacratíssimo nome, abençoo a família espírita.

ISMAEL

(Recebida em sessão ordinária do Grupo Ismael da FEB, pelo médium Olympio Giffoni, na noite de 5 de outubro de 1949, logo após o encerramento da Grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro.)

Comemorações

JUVANIR BORGES DE SOUZA

O mês de outubro registra uma data muito cara aos espíritistas de todas as latitudes.

Em 3 de outubro de 1804 nascia em Lião – França, Hipolyte Léon Denizar Rivail.

Era mais uma criança que renascia neste mundo de expiações e provas, dentre os bilhões de espíritos que têm habitado a Terra.

Mas essa criança vinha com uma missão especial, para a qual detinha condições individuais adquiridas através dos milênios e que a Espiritualidade Superior aproveitaria em favor de um grande avanço no progresso da Humanidade.

Após mais de cinquenta anos de vivência, de múltiplas experiências como estudante, professor, escritor, pensador, dominando línguas e ciências de sua época, depara-se essa personalidade com a missão para a qual reencarnara.

Nasce, então, Allan Kardec e começa a realização “da obra de sua vida”, como ele mesmo a qualificou.

O missionário correspondeu à escolha e à confiança do Governador deste orbe.

O Espiritismo, o Consolador prometido, chega aos homens para o início de uma Nova Era.

A personalidade de Allan Kardec será sempre lembrada como um dos grandes benfeitores da Humanidade.

Para sermos gratos e profundamente reconhecidos ao fiel desempenho de sua missão, não necessitamos endeusar, santificar, ou dogmatizar o grande missionário.

Um dos aspectos de sua grandeza está no fato de, sem deixar de ser um homem de sua época, influenciado pelos costumes, leis e conhecimentos científicos então correntes, soube preservar a Nova Revelação vinda do Alto, não permitindo que ela fosse mesclada com as “verdades provisórias” das ciências, filosofias e correntes religiosas em voga nos meados do século passado.

Além disso, muitos de seus pensamentos projetaram-se no futuro e, ainda hoje, o Movimento Espírita beneficia-se da clarividência e perspicácia do pensador e do Codificador, apesar da enorme transformação produzida no mundo pela ciência e pela tecnologia do século XX.

*

O dia 5 de outubro é outra efeméride muito cara especialmente ao Movimento Espírita Brasileiro organizado, vale dizer, aos espíritas sinceros que se esforçam contínua e objetivamente na prática e na difusão da Doutrina Consoladora.

Neste 5 de outubro estamos comemorando o cinquentenário da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro.

Dessa reunião entre diretores da Federação Espírita Brasileira e

representantes das Federações de diversos Estados do Brasil, ocorrida em 5 de outubro de 1949, resultou o Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro, posteriormente denominado Pacto Áureo, pela sua natureza e conseqüências e pelo júbilo que causou entre os que desejavam a união fraterna entre os adeptos da Doutrina dos Espíritos.

Para se compreender a alta significação desse encontro de vontades de lídimos cultores da generosa idéia espírita no “Coração do Mundo”, torna-se necessário recordar o que ocorria no movimento desde os fins do século passado, quando aqui se fundaram as primeiras instituições espíritas, e o que resultou do Pacto Áureo, neste meio século de atividades, trabalho, compreensão e fidelidade à Nova Revelação e à Mensagem do Mestre Incomparável.

Antes, sempre imperou o divisionismo, as idéias pessoais mesclando-se com a Doutrina Espírita, ensejando as discussões infundáveis, o personalismo exagerado, as incompreensões e rivalidades.

É verdade que da Espiritualidade não faltaram advertências quanto à necessidade do entendimento e da fraternidade entre os adeptos, como o fez Allan Kardec (Espírito), em 1888 e 1889, em célebres comunicações mediúnicas na Sociedade Espírita Fraternidade.

Era a intervenção do Codificador, lembrando o que deixara expresso quando, ainda encarnado, pugnara pela unidade da Doutrina, sem prejuízo de sua progressividade, e da qual deveria resultar um movimento coeso e firmemente orientado pelos princípios doutrinários fundamentais.

Mas os homens não entenderam os esforços do Codificador, ao procurar evitar os cismas, que começaram ainda em seu tempo, com o “espiritismo independente”.

No Brasil ficaram conhecidas as facções dos “científicos” e dos “místicos”, cada qual esforçando-se pela prevalência de suas tendências e interpretações.

Graças à lucidez e à energia de Bezerra de Menezes, quando presidiu a Federação Espírita Brasileira de 1895 a 1900, a divisão não prevaleceu, pelo menos no seio da hoje centenária instituição, que seguiu o roteiro traçado por seu venerável dirigente, no qual se destaca a *unidade* da Doutrina e a *união fraterna* de seus adeptos.

É interessante frisar que Bezerra de Menezes, tanto quando encarnado, quanto na Espiritualidade, tornou-se o Espírito que mais evidenciou a necessidade da *união* entre os seguidores da Doutrina, para que seja possível a *unificação* do seu Movimento.

Outro episódio que demonstra o propósito divisionista de considerável parcela do Movimento Espírita foi a assembléia de 1926, no Rio de Janeiro, com o objetivo de se estabelecer uma “Constituinte Espírita”.

A idéia esdrúxula não vingou, mas criou-se a Liga Espírita do Brasil, entidade destinada a congregar as instituições espíritas, em âmbito nacional, ao lado da FEB.

Essa situação de divisão perdurou até o Acordo resultante da Grande Conferência Espírita de 1949, quando a Liga se transformou em entidade federativa do então Distrito Federal.

O Pacto Áureo, aquele momento de lucidez coletiva de considerável número de dirigentes espíritas, que conseguiram entender-se e solidarizar-se em poucas horas, quando muitos outros fracassaram, por anos consecutivos, em seus esforços de fraternização, constitui-se um marco na história do Espiritismo no Brasil, com repercussão além-fronteiras pelas suas

conseqüências, pelo fortalecimento do Movimento, que se tornou pujante, mas sobretudo por demonstrar ser perfeitamente possível e viável a união fraterna de todos os espíritas, apesar de suas imperfeições, em torno de uma Doutrina Superior, unitária, generosa, realista, abrangente, cuja gênese se confunde com a Mensagem do Cristo da qual é inseparável.

A esse Acordo, inspirado e aplaudido pela Espiritualidade Superior, que se manifestou através do Espírito Protetor do Brasil – o Anjo Ismael – aderiram as Instituições Espíritas estaduais do Nordeste, do Norte e do Centro-oeste do Brasil, que posteriormente vieram a tomar conhecimento de seu conteúdo e significação, através da célebre “Caravana da Fraternidade” e de outros meios.

Com a criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, órgão previsto no Acordo de Unificação, que foi instalado em 1º de janeiro de 1950, todas as Federações e Uniões estaduais passaram a constituir esse organismo, cada qual representando as instituições espíritas de seu Estado, numa organização que muito se assemelha à própria constituição política do País.

Posteriormente à unificação sob o sistema federativo, tornaram-se membros do Conselho Federativo Nacional da FEB entidades não federativas, mas de âmbito nacional, de natureza especial por suas atividades – a Cruzada dos Militares Espíritas, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil e a Associação Brasileira de Divulgadores Espíritas -, ampliando, assim, o sentido de unificação da família espírita brasileira.

Decorrido meio século do Pacto da Unificação, que contém em seu documento formal dispositivos de alta significação, que precisam ser entendidos e meditados pelos espíritas que verdadeiramente amam a Doutrina o Movimento Espírita apresenta-se, hoje, na sua quase totalidade, unido, ativo, fiel à Codificação, sem prejuízo da autonomia das instituições que o compõem, graças à atuação constante do CFN da FEB e à compreensão dos espíritas.

Dele surgiu uma convivência fraterna, com liberdade e sem uniformização do pensamento e da ação, desde que preservados os princípios fundamentais da Doutrina.

O ambiente do Movimento atual, graças ao entendimento geral proporcionado pelo Pacto, modificou-se inteiramente com relação ao divisionismo e às constantes agressões anteriores a 1949.

É notório que o Pacto Áureo não conseguiu aglutinar em seu seio todos os espíritas brasileiros, como seria de desejar.

Em um mundo inferior, habitado por seres imperfeitos, como somos todos nós, as idéias superiores, por mais generosas se evidenciem, nunca são aceitas unanimemente.

Por isso, temos de compreender certos focos de discórdias, sustentados por idéias e interpretações personalistas.

Em compensação, numa demonstração espontânea e serena de responsabilidade plena, na Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, em novembro de 1997, e em repulsa à pretensão de se criar uma confederação para substituir a atual organização federativa, todas as entidades componentes daquele Conselho apresentaram uma moção de solidariedade e apoio à Federação Espírita Brasileira, o que vale por uma reafirmação de solidariedade e de compreensão de todos pela continuidade do esforço contra as incompreensões e dissensões e em prol do conhecimento, da prática e da divulgação da Doutrina dos Espíritos.

*

Comemorando o cinquentenário da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro e a data de nascimento de Allan Kardec, a Federação Espírita Brasileira, em estreita cooperação com a Federação Espírita do Estado de Goiás, promoverá o 1º Congresso Espírita Brasileiro nos dias 1 a 3 de outubro.

É mais uma oportunidade de rememorar fatos importantes da história do Espiritismo, de promover o conagraçamento e a fraternização entre os espíritas e de ativar estudos e teses doutrinários.

Todas as providências de organização e de execução do Congresso foram tomadas no devido tempo, esperando-se que ele atinja seus objetivos.

Será mais um passo no sentido da união dos espíritas do Brasil e de outras plagas que queiram irmanar-se conosco.

O Congresso estará aberto a manifestações e a estudos genuinamente espíritas, com a preocupação de se promover o Bem, em favor de todos.

Ao lado das informações, dos esclarecimentos, dos aprofundamentos nos estudos, será a oportunidade para exaltar nossa confiança no Alto, de formular apelos à fraternidade e à concórdia, de demonstrar otimismo, esperança e fé, de fortalecer o trabalho útil e construtivo. ■

A Cúpula Sublime

Eis traçado aos olhos humanos o plano excelso de Jesus, colocado em mãos do glorioso Ismael.

Plano delineado há milênios, que a paciência divina organizou, programou e acaba de executar.

Plano grandioso, que trará para as Terras de Santa Cruz as bases angulares do Templo Divino do Senhor a ser edificado no santuário íntimo das almas, concretizando-se nas augustas experiências da Casa de Ismael, ora mais forte, mais plena de amor, coroada pelos esforços grandiloqüentes dos espíritas que velam pela Verdade do Senhor, nas terras áridas dos corações.

Realizou-se o ideal sublime: estrelas de luzes esplêndidas desceram do infinito e cobriram as terras brasileiras. Suaves refrigérios foram levados a todos os rincões da Terra maravilhosa que recebeu em seu seio nobre a semente divina do Excelso Senhor.

Os planos espirituais estão se interpenetrando, cada vez mais, nos planos espiritistas terrenos, levando avante o lema formoso: Deus, Cristo e Caridade.

Aos espíritas que conhecem e amam a Doutrina reveladora, aos espíritas que compreendem o ideal sagrado do Mestre para ser realizado, não só nas Terras de Pindorama, mas em todo o orbe terrestre, aos espíritas que recebem a bênção sem par do conhecimento da Verdade e da Luz, aos espíritas que bebem nos livros que descem do Alto, em catadupas de luzes, a essência divina do Evangelho, compete disciplinarem o coração, irmanadas na tarefa sacrossanta da caridade legítima, realizando os trabalhos do Senhor com humildade e amor.

Por isto a “convocação geral” para que todos cerrem fileiras em torno dos Templos de Ismael, em Brasília e na Guanabara.

Por isto a recordação do Pacto Áureo, para que, compenetrados dos deveres e responsabilidades que lhes cabem face aos desejos e vontade do Senhor, dignifiquem, com os exemplos puros de discípulos fervorosos e fiéis, a Doutrina Consoladora.

Lá no alto, a cúpula excelsa irradia forças, energia e luzes para os corações abertos à inspiração superior e dispostos, através da boa vontade simples e modesta, ao serviço grandioso da edificação do reino divino no mundo terrestre.

Sobre a Cúpula Sublime e bendita, sol de resplendente fulgor sob o olhar de Ismael, Jesus, o Filho de Deus Altíssimo, dirige e abençoa os frutos sazoados da divina aliança e da realização santa de seu coração.

Avancemos, pois, filhos do Cruzeiro; avancemos com alegria, com gratidão, com amor, na conquista do bem maior – o Amor de Jesus. ■

BEZERRA

(Página recebida pela médium Maria Cecília Paiva, nas sessão pública da Federação Espírita Brasileira, em 6-10-70, e transcrita de REFORMADOR de março de 1971, pág. 71).

Unificação – A Visão de Allan Kardec

Homenagem aos 50 anos do Pacto Áureo

ADILTON PUGLIESE

Excelente apostila elaborada pela Federação Espírita Brasileira, para utilização no Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), intitulada *Movimento Espírita*, destaca que “não se pode falar em Movimento Espírita antes da Codificação, pois somente após esta é que o Espiritismo surgiu como Doutrina: a movimentação humana em torno das idéias espíritas só aconteceu após a sua revelação pelo plano espiritual e sua posterior compilação por Allan Kardec”.¹

Realmente, a primeira etapa do trabalho iniciado por Allan Kardec em torno do Movimento Espírita, visando a “levar esclarecimentos e apoio, observando as realidades e as necessidades desses primeiros grupos”², pode ser historicamente situada em 19 de setembro de 1860, quando, ainda vivendo o êxito do lançamento, em 18 de abril de 1857, de “O Livro dos Espíritos”, obra fundamental da Codificação, e mantendo sob preparo “O Livro dos Médiuns”, que viria a público em 15 de janeiro de 1861 (o segundo tomo do conjunto que constituiria, mais tarde, o *pentateuco kardequiano*), Kardec é recebido no Centro Espírita de Brotteaux, o único então existente em Lyon, cidade onde nascera em 3 de outubro de 1804. Recepcionam-no, na chegada, os dirigentes da Instituição: o chefe de oficinas Dijou e sua esposa. Afirma Wallace Leal Rodrigues, no *Prefácio* da obra “Viagem Espírita em 1862”, edição da Casa Editora O Clarim: **é o primeiro encontro de dirigentes espíritas da história.**

Kardec realizaria outras viagens de propaganda espírita, diretriz que ele consolidaria como integrante do seu plano de trabalho, tal como exarou em seus registros íntimos, os quais, mais tarde, representariam importante compilação do pensamento do Mestre acerca da organização e da constituição do Espiritismo, documentos esses que foram enfeixados sob o título de “Obras Póstumas”. Ali, no capítulo **Projeto 1868**, encontram-se declinadas as suas metas de trabalho: a definição de um **Estabelecimento Central**; a arquitetura preliminar do **Ensino Espírita** como um “curso regular de Espiritismo”; a **Publicidade**, que “levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das idéias espíritas”; e as **Viagens**, consagradas “aos diferentes centros e a lhes imprimir boa direção”.³ Em 1862 Kardec realiza a segunda etapa dessas viagens, autênticas investidas históricas em torno do trabalho de **unificação do movimento espírita** nascente, e de união das sociedades e dos próprios espíritas.

Ainda em “Obras Póstumas”, vamos encontrar a exposição de motivos apresentada por Kardec para justificar o documento **Constituição do Espiritismo**, onde ele declara: “**A Doutrina é, sem dúvida, imperecível, porque repousa nas leis da Natureza e porque, melhor do que qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens.**”⁴ Mas sabia ele, também, que o novel Movimento Espírita, que se alastraria no futuro, como vem acontecendo, seria formado pelos homens e dependeria da compreensão, do idealismo, do desprendimento e da capacidade de fraternização e trabalho dos homens. No livro “A Gênese”, quinta e última obra da Codificação, lançada em janeiro de 1868, no capítulo I, item 13, ele declararia: “*Numa palavra, o que*

*caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”*⁵

Os textos reunidos no livro “Obras Póstumas” (*O testamento doutrinário* de Allan Kardec, segundo Herculano Pires), publicado em 1890, cuja preservação se deve principalmente a Pierre-Gaëtan Leymarie e à Sra. Amélie Boudet, registrou o pensamento de Allan Kardec acerca da organização e da expansão do Espiritismo ⁶, que podemos configurar em três pontos primordiais:

1. A manutenção da unidade doutrinária

“Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente.” ⁷

2. A união entre os espíritas para o equilíbrio do Movimento

“(…) os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.” ⁸

3. O Espiritismo organizado

“(…) Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa (…).” ⁹

Mais tarde, no Brasil, a Federação Espírita Brasileira, fundada em 2 de janeiro de 1884, publicaria importante e pioneiro documento, em 1º de novembro de 1904, intitulado **Bases da Organização Espírita**. Dentre várias proposições, a principal é a de criar, em todos os Estados da União, um **órgão unificador**, comunicando-se com as demais instituições estaduais e com a FEB. A atribuição básica desse órgão era a de manter a harmonia do Movimento Espírita, garantindo sua unidade e, em consequência, a expansão segura do Espiritismo.

Quarenta e cinco anos após, em cinco de outubro de 1949, outra iniciativa do Movimento Espírita Brasileiro viria renovar e fortalecer esses mesmos propósitos das Bases da Organização Espírita, na **Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro**, quando foi selado o acordo que ficou conhecido como **PACTO ÁUREO**. A imediata propagação dos ideais da Unificação teve efeito em janeiro de 1950, com a instalação do *Conselho Federativo Nacional* e, em seguida, da *Caravana da Fraternidade*, de 31 de outubro a 13 de dezembro do mesmo ano, cuja marcha teve início em Salvador e prosseguiu por outros Estados do Nordeste e Norte do País.

Na Bahia, que tem nos seus anais o pioneirismo da instalação, em 17 de setembro de 1865, do *Grupo Familiar do Espiritismo*, primeiro Centro Espírita do Brasil, e do surgimento da imprensa espírita brasileira, em julho de 1869, com o jornal *O ECHO D'ALÉM-TÚMULO*, fundado por Luís Olímpio Teles de Menezes, os sinais preliminares das atividades unificadoras constam do Estatuto da antiga União Espírita Baiana, desde 25 de dezembro de 1915, data de sua fundação, e que previa, no capítulo I, “constituir-se entre as associações espíritas do Estado o laço de união e solidariedade, integrando-as ao mesmo tempo no movimento de organização espírita do Brasil e de todo o planeta, segundo o plano da

Federação Espírita Brasileira” (grifamos). Esses eram os primeiros momentos federativos vividos pelos espíritas baianos, confirmados, mais tarde, com o **Acordo de Unificação do Movimento Espírita**, aprovado em setembro de 1972, e assinado na sessão de encerramento do III Congresso Espírita Estadual, em 30 de outubro de 1972. Esses atos culminariam, posteriormente, com a criação da Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB), em 11 de fevereiro de 1973. São 84 anos, desde 1915, de perseverantes investimentos no ideal unificacionista, sobretudo através do modelo do **federativismo**, que é **um fenômeno unificador e criativo, tendo como unidade-base o Centro Espírita**.

Durante a realização do Congresso Espírita Mundial, ocorrido em Liège, Bélgica, no período de 2 a 5 de novembro de 1990, a Federação Espírita Brasileira teve oportunidade de apresentar “alguns apontamentos sobre as atividades de Unificação do Movimento Espírita no Brasil”, documento que constou de REFORMADOR de março de 1991.

A partir desse Congresso, iniciaram-se, através da Comissão Provisória então nomeada, as providências que resultaram na fundação do Conselho Espírita Internacional (CEI), em 28 de novembro de 1992, durante o Congresso Mundial de Espiritismo/92, realizado em Madrid, Espanha.

Há todo um secular *esforço heróico* em torno da Unificação do Movimento Espírita, que deve ser estudado e utilizado como paradigma por todos aqueles que laboram nas Casas Espíritas. Espíritos que se movimentaram em torno desse ideal, a exemplo de Bezerra de Menezes, José Petitinga, Manoel Philomeno de Miranda, Etienne Rocha e tantos outros, continuam a estimular e dinamizar renovadas ações em torno da consolidação do Movimento. Eles, por certo, conhecem a substância motivadora da antiga parábola das varas: **isoladas, podem ser facilmente destruídas, mas, ao se constituírem em feixe, tornam-se difíceis de serem quebradas**.

Ao escrever o capítulo VI das *Conclusões* de “O Livro dos Espíritos”, Kardec enfatiza que a força do Espiritismo “**está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso.**”¹⁰ Concluindo, podemos perguntar: **Onde está a força do Movimento Espírita?** Certamente está na união dos espíritas, consignada em oportuno e comovente apelo de Bezerra de Menezes através da psicofonia do médium Divaldo Franco, exarada em mensagem publicada em REFORMADOR de fevereiro de 1976:

“Unificação, sim. União, também. Imprescindível que nos unifiquemos no ideal espírita, mas que, acima de tudo, nos unamos como irmãos.” ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. *Apostila* – 1996, p. 4 e 2, ed. FEB/ESDE.
2. REFORMADOR, mar/91, p. 80.
3. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, 26, ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 341-342.
4. -, Idem, p. 346.
5. -, *A Gênese*. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 20.
6. SOUZA, Juvanir Borges de. *Reformador*, jul/94, p. 7.
7. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 26. Ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 339.
8. Idem, ibidem, p. 364.
9. Idem, ibidem, p. 363.
10. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 76 ed. Rio de Janeiro, FEB. P. 484.

Pronunciamentos no CFN, por Ocasão do 25^o Aniversário do Pacto Áureo

- **“Em boa hora o Pacto Áureo surgiu. Não porque está escrito numa ata, mas porque é uma chama viva”**. (Antônio Paiva Melo, Presidente da Federação Espírita do Estado da Guanabara).

- **“O Pacto Áureo teve sua definitiva consagração quando levou a mensagem da união pelos quadrantes do Brasil”**. (Orlando Borges dos Santos, Presidente da União Espírita Cearense).

- **“O Pacto Áureo é algo transcendental, algo inexprimível dentro da gente, tal a sua beleza”**. (Umberto Ferreira, Presidente da Federação Espírita de Goiás).

- **“Todo o Brasil espírita relembra, com profundo sentimento de gratidão, o trabalho realizado pelos denodados companheiros participantes do Pacto Áureo”**. (José Antônio de Oliveira S. Thiago, Presidente da Federação Espírita Catarinense).

- **“Junto da Federação Espírita Brasileira, sentimos o júbilo sublime do Pacto Áureo, que nos conduz à união”**. (Maria Dagmar Falcão de Melo, Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte).

- **“O Pacto Áureo é o impulsionador da unificação, é um ato de fraternidade e, sem fraternidade, sem a lei do amor, não poderá haver Pacto Áureo”**. (Hélio Burmeister, Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul).

- **“É um movimento para libertar nossas almas”**. (Floriano Moinho Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro).

- **“O Pacto Áureo nos conduz à vivência do apelo de Ismael”**. (Noraldino de Melo Castro, vice-presidente da União Espírita Mineira).

- **“A Federação Espírita Brasileira vem consolidando o grande acordo de 5 de outubro de 1949, cujo jubileu de prata, hoje e aqui, na Casa de Ismael, com muita alegria, juntos comemoramos”**. (Heli da Rocha Nunes, Presidente da Federação Espírita Piauiense).

- **“Um ideal imenso nos movia: colocar os interesses da Doutrina acima dos interesses das instituições, para alcançarmos o grande propósito de Ismael”**. (Carlos Jordão da Silva, representante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

- **“Agora é continuar esse trabalho de unificação, no sentido da confraternização, visando à divulgação da Doutrina em sua pureza”**. (Nestor João Masotti, Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

- **“O Pacto Áureo é uma realidade que está sendo vivida neste CFN. A unificação só pode ser entendida sob a orientação da Federação Espírita Brasileira”**. (Manuel Coelho Neto, Presidente da Federação Espírita de Alagoas).

- **“Ressaltemos o espírito de compreensão da unificação, que deve partir desde o lar até à Federação Espírita Brasileira”**. (Antônio Lugon, Presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo).

- **“A presente reunião do CFN é uma reafirmação do Pacto Áureo, que mais se avulta e consolida com o novo movimento de unificação, através as reuniões zonais promovidas pela Federação Espírita Brasileira”.** (Francisco Bispo dos Anjos, Presidente da Federação Espírita do Estado da Bahia).

- **“A unificação, em Sergipe, se processa nos moldes aconselhados no Pacto Áureo”.** (José Mesquita Neto, Presidente da Federação Espírita Sergipana).

- **“O movimento de unificação crescerá na razão direta do esforço que empreendermos em favor do nosso autoburilamento. À proporção que formos nos libertando do individualismo que dirige as realizações humanas, compreenderemos a real importância do trabalho coletivo, único meio de dar o máximo de nós em prol do ideal espírita”.** (José Carlos da Silva Silveira, Presidente da Federação Espírita do Distrito Federal).

- **“A unificação, para ser bem compreendida e praticada, deve constituir um movimento não de massificação, mas de participação natural dos espíritas, capaz de atuar como uma espécie de levedura que amplie a influência da Doutrina Espírita sobre as mentes e os corações, sem lhes impor coisa alguma, sem lhes tolher a liberdade de pensar e agir”.** (Armando de Oliveira Assis, Presidente da Federação Espírita Brasileira).

▪

Esplorando o Evangelho - EMMANUEL

Queixas

“Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados”. – (Tiago, 5:9)

A queixa nunca resolveu problemas de ordem evolutiva, entretanto, se os aprendizes do Evangelho somassem os minutos perdidos nesse falso sistema de desabafo, admirar-se-iam do volume de tempo perdido.

Realmente, muitos trabalhadores valiosos não se referem a sofrimento e serviço, com espírito de repulsa à tarefa que lhes foi cometida.

A amizade e a confiança sempre autorizam confidências; mesmo nesse particular, contudo, vale disciplinar a conversação.

A palavra lamentosa desfigura muitos quadros nobres do caminho, além de anular grandes cotas de energia, improficuamente.

O discípulo do Evangelho deveria, antes de qualquer alusão amargosa, tranqüilizar o mundo interno e perguntar a si mesmo: “Queixas por quê? Não será a esfera de luta o campo de aprendizado? Acaso, não é a sombra que pede luz, a dor que reclama alívio? Não é o mal que requisita o concurso do bem?”

A queixa é um vício imperceptível que distrai pessoas bem-intencionadas da execução do dever justo.

Existem obrigações pequeninas e milagrosas que, levadas a efeito, beneficiariam grupos inteiros; todavia, basta um momento de queixa para que sejam irremediavelmente esquecidas.

Se alguém ou algum acontecimento te oferece ocasião ao concurso fraterno, faze o bem que puderes sem reparar a gratidão alheia e, por mais duro te pareça o serviço comum, aprende a cooperar com o Cristo, na solução das dificuldades.

A queixa não atende à realização cristã, em parte alguma, e complica todos os problemas. Lembra-te de que se lhe deres a língua, conduzir-te-á à ociosidade, e, se lhe deres os ouvidos, te encaminhará à perturbação. ■

(Do livro “Vinha de Luz”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 118, p. 249-250, 15. ed. FEB)

As Convenções Humanas

RICHARD SIMONETTI

A patroa estava em dificuldade para acertar o descanso semanal da serviçal.

- Quero no sábado.
- Terá folga no domingo, conforme o costume.
- Não vai dar.
- Por quê?
- Sou sabatista.
- Não entendi.
- Está na Bíblia. O dia consagrado ao senhor é o sábado.

A serviçal mostrou-se irredutível. Sem acordo, desistiu do emprego.

Inúmeras donas-de-casa vêm-se às voltas com esse problema.

Algumas das múltiplas facções em que se dividiu o movimento inaugurado por Lutero encasquetaram que devem observar a orientação bíblica, guardando o descanso no sábado.

Isso gera sérios embaraços para seus profitentes, porquanto desde a Idade Média a cultura ocidental consagrou o domingo, celebrando a ressurreição de Jesus.

O sabatista pretende reviver uma orientação arcaica, superada, que não condiz com a atualidade. Sua intransigência é um atestado eloqüente dos problemas que o fanatismo ocasiona ao observar textos religiosos ao pé da letra, afastando-se da realidade.

*

Foi registrado por Moisés, na Tábua da Lei, terceiro mandamento (Êxodo, 20:8-11):

Lembra-te do dia de sábado para o santificar.

Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.

Segundo a alegoria bíblica, Deus, como diligente construtor, trabalhou duro e edificou o Universo, incluindo a Terra e os seres vivos, em seis dias e descansou no sétimo dia.

De acordo com hipóteses levantadas pela Ciência, seriam cerca de **dois trilhões** de anos. O Universo teria sido criado há perto de quinze bilhões de anos; a Terra, há quatro bilhões e meio; o aparecimento do homem há perto de um milhão.

*

Quando Moisés impôs a orientação para o sábado, praticamente instituiu a primeira legislação trabalhista, atendendo a justa necessidade de descanso para o trabalhador, o servo, o animal, o escravo...

Ocorre que, como fazia habitualmente, proclamou tratar-se de ordem divina. Jeová o determinava.

Portanto, deveria ser rigorosamente observada.

As penalidades eram absurdamente severas.

Como está em *Números*, um dos livros sagrados do Judaísmo, no capítulo 15, um homem foi surpreendido a amontoar lenha no sábado.

Imediatamente foi levado à presença de Moisés.

Registram os versículos 35 e 36:

Então disse o Senhor a Moisés:

- Tal homem será morto. Toda a congregação o apedrejará fora do acampamento.

Portanto, toda a congregação o levou para fora do acampamento, e o apedrejaram até que morreu, como o Senhor ordenara a Moisés.

Pobre Jeová! Tinha costas largas...

*

Ao tempo de Jesus, que viveu perto de mil, duzentos e cinqüenta anos depois, vemos essa orientação levada a extremos.

No dia consagrado ao Senhor era proibido desatar um nó, acender o fogo, levar um objeto para fora de casa, fazer mudança, viajar...

Sair de casa somente para ir à sinagoga.

A vida ficava complicada.

Era preciso muito cuidado para não se fazer nada que pudesse ser caracterizado como uma violação.

Para Jesus estas disciplinas não passavam de tolices sustentadas pelo fanatismo.

Em pleno sábado visitava, curava, ajudava, orientava, viajava...

*

Certa feita o Mestre passava pelas searas com os discípulos (Marcos, 2:23-26).

Estes, famintos, colhiam espigas que debulhavam e comiam.

Provavelmente era trigo.

Os fariseus se escandalizaram, não porque estivessem invadindo propriedade alheia. Segundo a orientação mosaica, os viajantes podiam fazê-lo, desde que apenas para saciar a fome, sem nada levar (Deuteronômio, 23:24-25).

Sua indignação dizia respeito ao dia.

Era sábado.

Os discípulos estavam exercitando uma atividade proibida no dia consagrado ao Senhor.

Pacientemente, revelando, como sempre, profundo conhecimento das escrituras, Jesus explicou:

Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na casa de Deus, tomou e comeu os pães da proposição, que somente aos sacerdotes era lícito comer, e os deu também aos que estavam com ele?

Na liturgia judaica, pães da proposição eram consagrados ao Senhor, de uso reservado aos sacerdotes. Numa circunstância especial, Davi e seus companheiros alimentaram-se deles.

Se Davi, empenhado em estabelecer um novo reino em Israel, colocara-se acima daquele regulamento, por que Jesus, que vinha instituir algo muito mais importante, um reino divino, não poderia sobrepor-se ao sábado?

E acentuou, escandalizando seus opositores (Marcos, 2:27):

- O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.

Argumento inconstestável.

O sábado fora instituído para melhorar a vida das pessoas, não para complicá-la.

Muito bom existir uma legislação trabalhista que determina um dia para o descanso, ou um princípio religioso que consagra um dia para reverenciar a Deus.

Mas, se nesse dia estamos absolutamente proibidos de tomar iniciativas, de definir se queremos ou não levar o lixo para fora de casa, ou preparar uma refeição, ou cortar as unhas, ou limpar a piscina, ou viajar, ou ir ao cinema, então é melhor dispensar esse descanso que nos oprime e cerceia nossa liberdade.

Espantoso que, após dois mil anos de Cristianismo, tenhamos seitas cristãs pretendendo observar princípios mosaicos revogados por Jesus, complicando a vida de seus profítes.

Praza aos Céus não decidam levar às últimas conseqüências semelhante orientação, dispondo-se a apedrejar os infratores.

*

A controvérsia do sábado lembra as convenções sociais.

São úteis, mas, se levadas a extremos de intransigência, deixam de servir o homem e passam a escravizá-lo.

Todo estabelecimento comercial tem horário, obedecendo a uma regulamentação. Os bancos, por exemplo, encerram suas atividades para o público geralmente às dezesseis horas. Em expediente interno posterior completam o processamento dos papéis.

Um cliente chega com dois minutos de atraso para pagar determinado imposto. No dia seguinte haverá multa. Entretanto, não o deixam entrar, sob alegação de que é preciso obedecer ao horário.

Seria mais fácil e simpático abrir uma exceção, sem prender-se à rigidez do regulamento. É o que se chama de flexibilidade ou, popularmente, *jogo de cintura*.

Um rapaz budista ia casar-se em igreja católica, atendendo à religião da noiva. Mas surgiu um problema. O sacerdote recusou-se a officiar o casamento enquanto os noivos não freqüentassem curso preparatório e se submetessem a determinados sacramentos.

Trata-se de uma convenção aceitável para os profítes, um preparo para o casamento, à luz dos princípios do Catolicismo. Para o adepto de outra

religião não pode ultrapassar os limites da opção. Deve ser um convite, nunca uma imposição. Se levada ao pé da letra, com intransigência, gera impasse nada fraterno.

A solução foi procurara outro sacerdote, mais esclarecido, que o dispensou daquelas preliminares.

Durante décadas, em nosso século, a civilização ocidental adotou para os homens a convenção dos cabelos curtos, barba raspada.

Quando os jovens resolveram deixar crescer a barba e os cabelos, levantaram-se vozes intransigentes, chamando-os de marginais e desordeiros. Os pais ficavam possessos quando os filhos adotavam a nova moda.

Entretanto, não há nenhuma lei que obrigue as pessoas a aparar os cabelos e raspara a barba.

Alguém prefere o contrário? - problema dele.

Sentimo-nos incomodados? – problema para nós.

Curioso observar que para muitos jovens o cabelo comprido e a barba também se transformaram em convenções. E se alguns preferiam o contrário, eram tachados de filhinhos de papai e tolos.

Em defesa da liberdade de não se submeterem à convenção dos cabelos aparados sem barba, tornavam-se escravos dos cabelos compridos com barba.

*

As convenções podem ser muito úteis, mas devemos encará-las com espírito aberto, sem condicionamentos.

Caso contrário, em determinadas circunstâncias perderemos a iniciativa e seremos dominados por elas, esquecendo que foram feitas para servir o Homem, não para oprimi-lo. ■

A FEB e o Esperanto

Ação do Movimento Esperantista

AFFONSO SOARES

De todos os projetos de línguas planificadas para uso internacional somente vingou, floresceu e tem dado frutos o Esperanto, concebido pelo judeu polonês Lázaro Luís Zamenhof.

Muitas razões podem ser evocadas para justificar o sucesso da língua, mas uma avulta por demonstrar a amplitude do gênio de seu criador: o Esperanto não se afastou das correntes da vida, da natural evolução das coisas e, por isso, se impôs como estágio, inevitável e superior: do longo processo lingüístico desenvolvido pela Humanidade nos milênios sem conta. Por seu vocabulário, suas expressões, sua estrutura, em nada artificiais, ele deita raízes no patrimônio universal das línguas, transcendendo-o, porém, pela lógica, pela simplicidade e, principalmente, pela neutralidade que o faz verdadeiramente a única língua legitimamente internacional.

Além disso, o Esperanto recebeu o sopro vivificador de uma ideologia de pacificação, reaproximação, confraternização dos homens, identificada com os mais elevados ideais que a Terra tem conhecido. É justamente esse ideal, chamado de *idéia interna* nos círculos esperantistas, que coloca o Esperanto, do ponto de vista de sua finalidade, em plano superior a qualquer língua nacional.

Se, por uma lado, o Esperanto realiza o ideal da simplicidade lingüística, sem prejuízo das potencialidades de uma riquíssima expressão nos diversos campos da atividade humana, por outro lado, ele transporta seus adeptos a patamares morais-espirituais impossíveis de se atingirem com as línguas nacionais, mesmo quando estas, eventual e indevidamente, exerçam as funções de língua internacional, pois as línguas nacionais sempre trarão consigo a carga dos restritos ideais nacionalistas, inevitavelmente exclusivistas, separatistas, divisionistas, quando aplicados no campo vasto da vida internacional.

Nos seus 112 anos de existência, o Esperanto difundiu-se por todo o mundo, atraindo adeptos em ritmo lento mas crescente, e, desse ponto de vista, ofereceu ao mundo um fenômeno singular: é a única língua que formou o seu “povo”.

A ação do movimento esperantista organizado, sob a competente, quase centenária condução da *Universala Esperanto-Asocio (UEA)*, com sede em Rotterdam, Holanda, tem estado à altura dos ideais que o inspiram, e uma das provas frisantes desse fato é a conquista de merecido apreço na família das organizações que regulam as relações entre os povos e as nações. Atualmente a UEA tem relações oficiais com seis organizações internacionais: especiais-consultivas com a ONU, operacionais com a UNESCO, consultivas com a UNICEF e o CONSELHO EUROPEU, de colaboração geral com a OEA e de intercâmbio (categoria A) com a Comissão Técnica TC 37 da ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE NORMATIZAÇÃO, além de muitas outras com as quais colabora em caráter não oficial, ou eventual.

O recente Simpósio sobre Língua e Direitos Humanos, organizado em 1999 pela UEA, teve os auspícios do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos e realizou-se na sede da ONU em Genebra, Suíça, no Palácio das Nações, em homenagem aos 90 anos da UEA e 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Um dos belos frutos do evento foi a tradução em Esperanto e sua publicação pela UEA de dois livros da UNESCO: *Cultura e Evolução (Kulturo kaj Evoluo)* e *Direitos Humanos; perguntas e respostas (Homaj Rajtoj; demandoj kaj respondoj)*.

Esses fatos já são suficientes para se ter uma idéia da amplitude das atividades do Movimento Esperantista Mundial, brilhantemente conduzido pela UEA, bem como

revela a extensão do problema lingüístico em que até agora se debate a Humanidade, problema que as organizações internacionais, paradoxalmente afetadas por influências nacionalistas, não conseguem debelar.

A solução definitiva já está na Terra. O movimento que a cultiva muito tem trabalhado para conscientizar as sociedades sobre a sua viabilidade exaustivamente comprovada, agindo dentro de uma estratégia que se resume nas próprias finalidades estatutárias da UEA:

- Difundir o uso da Língua Internacional Esperanto;
- Trabalhar em favor da solução do problema lingüístico nas relações internacionais e facilitar a comunicação internacional;
- Facilitar as relações materiais e espirituais de toda espécie entre os homens, independentemente das diferenças quanto a nacionalidade, raça, sexo, religião, política e língua;
- Incrementar entre os membros um forte sentimento de solidariedade, bem como neles desenvolver a compreensão e a estima para com todos os povos.

É em torno desse núcleo que se desenvolvem as atividades dos esperantistas em todo o mundo. Individual e coletivamente eles formam uma vastíssima rede cujas malhas mais importantes podem ser identificadas nas 60 associações esperantistas nacionais filiadas à UEA; na Rede de Delegados da UEA, composta por cerca de 2.000 adeptos que voluntariamente a servem e representam em 90 países; nos seus escritórios em Rotterdam (Administração Central), New York (relações com a ONU) e Berlim (Centro Terminológico); na Organização Mundial da Juventude Esperantista à qual se filiam 40 organizações nacionais; nas cerca de 90 Associações Especializadas (Fakaj Asocioj) onde esperantistas se reúnem segundo suas inclinações, profissões, religiões, qualificações de diversa natureza, para divulgá-las por meio do Esperanto; e em diversas instituições, como academias, bibliotecas, centros de educação, que expressam a cultura dessa coletividade genuinamente planetária, numa verdadeira antecipação da futura ordem universalista a vigorar nas sociedades do Terceiro Milênio.

Destaque especial merecem os Congressos Universais de Esperanto, realizados pela UEA, pelos quais os esperantistas oferecem ao mundo a demonstração prática, efetiva, cabal, irrecusável de que o Esperanto funciona, não é uma utopia, serve aos interesses superiores da Humanidade, constrói o progresso da civilização.

Os espíritas-esperantistas também tomam parte, com suas atividades específicas, nesse imenso concerto. A associação especializada que os representa junto à UEA é a *Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz* (Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz), com sede no Rio de Janeiro (Cx. Postal 3033 – CEP 20001-970), cujo programa se resume em difundir o Esperanto entre os espíritas e o Espiritismo entre os esperantistas, atividade que divide com a FEB e outras instituições de nosso País, assim cumprindo determinações do Alto, claramente expressas em diversas orientações veiculadas através de respeitáveis médiuns brasileiros, como Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, Divaldo Pereira Franco e outros.

Trabalhar, esperar, confiar, servir, eis algumas palavras de ordem que nos devem guiar nos esforços que nos compete desenvolver para a construção a que, como espíritas-esperantistas, fomos chamados. EVANGELHO – ESPIRITISMO – ESPERANTO – sejam efetivamente a tríade luminosa que permanentemente nos inspire, para que bem cedo fulgure, nos horizontes terrenos, o brilho das divisas respectivas desse tríplice ideal: *Amai-vos uns aos outros* (JESUS), *Trabalho, Solidariedade, Tolerância* (KARDEC), *Justiça e Fraternidade entre todos os povos* (ZAMENHOF).

▪

Trovas do Além

Nos desacertos do mundo
Vejo um traço singular:
O erro maior de alguém
É crer-se livre de errar.

CORREIA ARAÚJO

(Do livro "Trovas do Mais Além", de Espíritos Diversos, edição C.E.C., psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier).

*

Onde há fala sem proveito,
Sofre o tempo escárnio e furto.
Onde a conversa é comprida,
O serviço é sempre curto.

CASIMIRO CUNHA

(Do livro "Orvalho de Luz", de Espíritos Diversos, edição C.E.C., psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier).

A Cidadania da Bondade

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Os personagens: Nosso primeiro personagem, neste artigo, é Júlio César. Tem 17 anos, gosta de “rock, futebol e mulher bonita”, como costuma ressaltar. Fez vestibular para Economia, porque sempre se interessou pelos bastidores da movimentação financeira de empresas e do País. Curiosidade é o seu forte. Não tem vínculos religiosos fortalecidos, situação herdada da conduta dos pais diante da religião. Eles se dizem católicos, mas “não praticantes”, seja lá o que isso quer dizer ou justificar. Júlio fala inglês e sabe que escolheu uma profissão de futuro, diante do reconhecimento atual da importância da Economia.

O segundo personagem que apresentamos é uma garota. Maria Júlia acabou de completar 17 anos e foi aprovada no mesmo vestibular de Economia em que Júlio passou. Adora dançar e ir ao cinema. Demonstra facilidade para fazer amigos e desde pequena revelou tendências de cunho social, isto é, sempre dedicou algum tempo de seus dias a entidades de amparo a crianças órfãs. Maria sempre foi incentivada pelos pais a realizar esse tipo de trabalho, para o qual acabava levando algumas colegas. Ela fala inglês e pretende aprofundar os conhecimentos de gerenciamento empresarial, possivelmente com mestrado no Exterior.

Cenário onde queremos que você, que lê este texto, imagine os próximos parágrafos: o agressivo mercado de trabalho; ruas abarrotadas de gente em busca de emprego, de outras tantas pessoas lutando ferozmente para manter a sua ocupação; trabalhadores contentando-se em ganhar pouco para continuar com a carteira assinada pelo patrão.

Pergunta da vez: Qual das duas pessoas aqui apresentadas teria melhor chance de arrumar emprego nesse ambiente difícil, seletivo, em que as empresas estão cada vez mais rigorosas nos processos de seleção?

Resposta: Não tenho dúvida em afirmar que ambos estariam muito bem qualificados para disputar uma vaga em qualquer empresa, mas caso sobrassem apenas os dois, os responsáveis pela seleção não hesitariam em escolher Maria Júlia.

Júlio César pode até reclamar: “mas o que fiz de errado?”, “sempre estudei e tirei notas altas na Faculdade”. Realmente, o rapaz é um exemplo de dedicação ao estudo. Só que faltou no seu currículo e na experiência de vida um fator que as empresas consideram atualmente fundamental na admissão de um novo funcionário: a taxa de bondade social do candidato.

*

É verdade! Os poderosos capitalistas descobriram um novo filão de ouro. Resolveram investir em quem está habituado a exercer tarefas sociais.

Uma das firmas que vem adotando tal exigência, por exemplo, é a TAM. O Departamento de Recursos humanos está sinalizando preferências nas contratações a quem exerça trabalhos comunitários voluntários.

Não imagine que por trás disto esteja, finalmente, o reconhecimento da importância da bondade como critério básico na formação do caráter das pessoas, mas sobretudo um detalhe prático, bem comum aos rigores

capitalistas: candidatos que têm vínculos com a filantropia teriam melhor preparo para lidar com o público; logo, seriam mais bem preparados para enfrentar clientes irritados, despertar satisfação e garantir os lucros almejados.

O destaque a esta informação foi dado por Gilberto Dimenstein, na *Folha de São Paulo* de 29 de novembro de 1998. E podemos reconhecer, com ele, que na era da economia dos serviços, em que o fornecedor busca todas as formas possíveis para vender seu produto e suas idéias, o sorriso do funcionário pode significar a diferença entre ganhar ou perder um cliente.

*

Que bela notícia para nós, espíritas! Chegou o momento de ver reconhecido o esforço de tanta dedicação à Doutrina, quando decidimos levá-la às periferias, em trabalhos de evangelização da criança e do jovem. É esta a hora de perceber se os esforços despendidos em trabalhos de amparo a instituições filantrópicas serviram para mudar-nos por dentro. Se a dedicação anônima a tantos Espíritos nas reuniões mediúnicas repercutiu em nossos corações.

O Espiritismo ininterruptamente nos convida a trabalhar sempre pelo bem da Humanidade, esteja ela representada pela tapera da criança aleijada, que mal tem comida para se alimentar à noite, ou pela mansão do colega rico de posses, porém miserável no afeto insípido que recebe dos que o têm como um estorvo, e não como um filho ou irmão.

A pergunta é uma só, diante desta situação: *estamos melhores afetivamente, mais amadurecidos, mais compreensivos para entender e não julgar os que sofrem?*

*

O jovem espírita tem todas as possibilidades de bem se posicionar no mercado de trabalho. Não é à toa que ele é aceito como pessoa interessada pelo próximo e dedicado ao estudo sério das obras doutrinárias.

É justamente pela característica de vê-lo envolvendo-se com tarefas comunitárias que percebemos, neste reconhecimento que as empresas estão dando para qualidades interiores das pessoas, uma excelente oportunidade de ele se dedicar mais ainda aos estudos, a fim de revelar-se um homem competente na profissão, porque bom na conduta ele já está se tornando aos poucos.

Ainda com apoio na página citada, uma recente pesquisa realizada com dirigentes e empresários de inúmeras empresas, escolas e mídia sobre o perfil do trabalhador constatou que a vocação comunitária aparece com destaque no item “habilidades”. No aspecto “personalidade”, o qualificativo mais importante foi o *ser ético*, junto com o *ser flexível*.

Conclusão destas idéias: estão cada vez mais indissociáveis cidadania e economia; está decretado o fim da carreira para os técnicos competentes, mas incapazes de manter um relacionamento agradável com os outros, sejam colegas ou clientes.

Espíritas, não desprezemos este momento, em que a vida nos cobra a prática real do homem novo que desejamos ser, mas que às vezes não viceja por falta de empenho da vontade! Aproveitemos a chance de semear com grandeza no terreno fértil que a Doutrina propiciou que tivéssemos em nosso sentimento.

O futuro nos aguarda, tanto como profissionais dedicados quanto como homens integrais, dispostos a servir com a mesma dignidade atrás de um balcão ou à frente de uma tarefa comunitária.

Entidades Filantrópicas e Outras Sem Fins Lucrativos

1. ISENÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL SOBRE FATURAMENTO (COFINS), PARA AS INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS

A Medida Provisória (MP) nº 1858-6, de 29-6-99, isentou do pagamento da CONTRIBUIÇÃO SOCIAL SOBRE FATURAMENTO (COFINS) *as Receitas relativas às atividades próprias*, dos templos de qualquer culto (inciso I, art. 13), como também das instituições de educação e de assistência social (inciso III art. 13), e sindicatos, federações e confederações (inciso V, art. 13), de acordo com o inciso X do artigo 14, combinado com o artigo 13. A referida Medida Provisória foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 30-6-99.

O artigo 3º da Lei nº 97/18/98 de 27-11-98 (DOU de 28-11-98) havia alargado, a partir de 1-2-99, a base de cálculo da COFINS, que não mais se restringia às receitas de vendas de mercadorias e de prestações de serviços (FATURAMENTO). O entendimento, então, era de que essa contribuição havia passado a incidir sobre todas as receitas das Entidades sem fins lucrativos anteriormente mencionadas. Portanto, a MP nº 1858-6 veio alterar e corrigir tal entendimento, pois as Receitas das Instituições Espíritas não se conceituam no aspecto de faturamento comercial.

2. PIS/PASEP

As Instituições Espíritas que possuam empregados deverão contribuir para o PIS/PASEP, com base na Folha de Salários, à alíquota de 1% (um por cento) – art. 13, MP nº 1858-6. O pagamento da contribuição para o PIS/PASEP deverá ser efetuado até o último dia útil da primeira quinzena do mês subsequente ao de ocorrência dos fatos geradores.

3. CNPJ – CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA (CNPJ)

As Instituições Espíritas que ainda não receberam o cartão do CNPJ (que substituiu o CGC – MF, mantendo o mesmo número) deverão procurar o órgão local da unidade da Receita Federal para solicitar a 2ª via do CNPJ.

4. PESSOAS JURÍDICAS IMUNES OU ISENTAS – OBRIGATORIEDADE DA APRESENTAÇÃO DA DECLARAÇÃO INTEGRADA DE INFORMAÇÕES ECONÔMICO-FISCAIS DA PESSOA JURÍDICA (DIPJ)

As pessoas jurídicas em geral, inclusive as Instituições Espíritas, estão sujeitas, a partir de 1999, à apresentação da **Declaração Integrada de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica (DIPJ)** instituída pela IN SRF nº 127/98.

Portanto, estão sujeitas à entrega da Declaração Integrada de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica (DIPJ) as pessoas jurídicas imunes ou isentas do Imposto de Renda (Entidades sem fins lucrativos).

A DIPJ relativa ao ano-calendário de 1998 deverá ser apresentada até 30-9-99, em meio magnético, mediante a utilização de programa gerador posto à disposição pela Secretaria da Receita Federal, inclusive via INTERNET, no *site* da Secretaria da Receita Federal (SRF).

As Instituições Espíritas deverão procurar o órgão local da SRF para obter o disquete gerador do DIPJ.

(Informações do Departamento Fiscal-Contábil da USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro).

▪

Espiritismo e Renovação Social

DALVA SILVA SOUZA

Enfrentam os homens na vida duas ordens de necessidades: as materiais e as espirituais. Os princípios espíritas propiciam-nos a luz do discernimento, mostrando que no espírito está o sentido de permanência da vida acima de todas as configurações de tempo e espaço. Os problemas do mundo dependem necessariamente das técnicas e dos instrumentos que se apóiam nos conhecimentos científicos, mas os problemas inerentes ao mundo interior pedem outros meios, outros instrumentos. O Espiritismo não nos desvia da realidade humana, nem preconiza uma vida voltada para a contemplação. Não se pode chegar ao exagero da supervalorização do lado material, nem à atitude alienada de transferir para a vida espiritual toda a expectativa de bem-estar. A Doutrina destaca a supremacia dos valores espirituais, mas acrescenta a responsabilidade do homem pela instituição de um sistema social mais justo. Allan Kardec, após a questão 918, acrescentou o seguinte comentário:

“Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem **que podia**, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem”.

Do ponto de vista espírita, pois, ser um homem de bem é estar consciente do próprio papel no mundo, manifestando o necessário equilíbrio na busca dos recursos que possam atender às próprias necessidades materiais e espirituais, sem desconsiderar que, na ação desenvolvida para isso, deve-se respeitar o direito do outro. Precisamos adotar uma atitude crítica diante da cultura em que vivemos, a fim de chegar à prática da lei de justiça, amor e caridade, conforme destaca o Codificador.

Quando mencionamos atitude crítica, precisamos ter em mente que uma pessoa crítica não é, como muitos pensam, alguém que aponta defeitos em tudo e em todos. Estamos utilizando essa expressão aqui para caracterizar a pessoa que tem posições independentes e refletidas, é capaz de pensar por si mesma, não aceitando como verdadeiro o estabelecido por outrem, mas acatando o que passe pelo seu exame livre e fundamentado. Quando os homens atingirem sua maioria pela capacidade de pensar autonomamente, sem se deixarem manipular e dominar, fundarão uma sociedade esclarecida. Destacamos o valor da proposta espírita de fé raciocinada e ressaltamos que, para atingir essa condição de pensar criticamente, é preciso não ceder à covardia e à preguiça, não se deixar manipular, nem ser impelido a atingi-la mediante artifícios e pelo emprego da força.

Na época do Iluminismo, movimento de renovação cultural – filosófico, sociológico, político, teológico e literário – do século XVIII, lutava-se também pela transformação da ordem social. Fundado no ímpeto do homem à liberdade, esse foi um importante movimento do pensamento moderno e, embora nos pareça distante no tempo, ainda hoje, há impulsos que nos situam num horizonte comum ao de Immanuel Kant, filósofo alemão que viveu entre 1724 e 1804. A proposta de Kant é que a atitude crítica, para se manter, precisa reconhecer os limites da razão, porque, sem essa consciência, a razão pretender-se-á onisciente e onipotente, tornando-se dogmática e autoritária,

perderá seu necessário vínculo com a liberdade e se converterá em irrazão, sob a ilusão de parecer conhecer e de parecer racional. Vamos dar a palavra a ele:

“Em todos os seus empreendimentos, a razão tem que se submeter à crítica, e não pode limitar a liberdade da mesma por uma proibição sem que isso a prejudique e lhe acarrete uma suspeição desvantajosa. No que tange à sua utilidade, nada é tão importante nem tão sagrado que lhe seja permitido esquivar-se a essa inspeção atenta e examinadora que desconhece qualquer respeito pela pessoa. Sobre essa liberdade repousa até a existência da razão. O veredicto desta última, longe de possuir uma autoridade ditatorial, consiste sempre em nada mais do que o consenso dos cidadãos livres, dos quais cada um tem que poder externar, sem constrangimento algum as suas objeções e até o seu veto”¹.

Entendendo o que propõe o filósofo, inferimos que o poder da razão não deve ser ilimitado. É certo que tudo deve passar pelo seu crivo, mas não se pode esquecer do aspecto subjetivo que atua sobre a análise que o indivíduo faz dos fatos. As inferências resultantes do raciocínio lógico são grandemente influenciadas pelo conjunto de crenças e conhecimentos já adquiridos, isto é, pela visão de mundo do indivíduo. Todo juízo, pois, venha de quem vier, deve se submetido à crítica. Aquele que queira impor-se como autoridade, esquivando-se a essa crítica, está, por isso mesmo, sob suspeita. Os Espíritos alertaram bastante quanto à necessidade de análise crítica das proposições, chegando a considerar que “melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade”².

O filósofo afirma que essa inspeção atenta deve desconhecer qualquer respeito pela pessoa, isto é, ninguém deve ser visto como autoridade infalível. Se nos recusarmos a esse procedimento analítico tão enfaticamente recomendado, estaremos favorecendo a continuidade de um sistema ditatorial, em que alguns se colocam como oniscientes e onipotentes, passando a estabelecer normas que escravizam o pensamento dos outros.

Toda transformação a ser produzida na sociedade deverá passar pela capacidade de pensar a realidade melhor que queremos construir. A elaboração mental dessa nova realidade dependerá da liberdade que o homem alcance internamente. Libertar-se das amarras dos dogmas é, pois, um importante passo nesse sentido. Ao mesmo tempo, é imperioso que se reconheça a liberdade do outro, porque é no conjunto das idéias compartilhadas que será possível a cada um avaliar a propriedade de seu pensamento. O consenso dos cidadãos livres como propõe Kant tem sido difícil de alcançar em nossa sociedade, porque a balança ainda pende para o lado do mais forte, não mais a força física aqui, porém a força do poder econômico ou político. As iniciativas que visam a enobrecer o homem ainda são bastante tímidas. Mas, quando as idéias espíritas alcançarem maior divulgação entre as massas, será possível ampliar a consciência do indivíduo acerca do seu papel na realidade transitória da vida material, criando a motivação para a renovação a ser empreendida no âmbito individual, em primeiro lugar, ampliando-se, em seguida, para a área de abrangência da família e, depois, da sociedade. Pelo que se percebe, a instituição de um comportamento democrático será a base para a construção dessa realidade nova de maior justiça social.

Precisamos refletir com seriedade sobre isso, porque a instituição desse comportamento democrático será o exemplo que precisaremos dar. Como espíritas, temos maior consciência dessas questões, e o Movimento Espírita deveria refletir essa consciência. Não é isso, contudo, que temos visto acontecer.

As instituições espíritas têm apresentado os mesmos prejuízos de todas as demais instituições que congregam criaturas humanas com o propósito de encaminhá-las espiritualmente. Por incrível que possa parecer, o pensamento dogmático e o comportamento autoritário penetram também as sociedades fundadas sob a motivação de estudar e praticar a Doutrina Espírita, dificultando o estabelecimento de uma comunicação produtiva entre seus membros e a geração da atitude nova que possa extrapolar as paredes da instituição e irradiar-se para a comunidade em que se insere.

Vale a pena refletir sobre a advertência de Emmanuel:

“Quando estenderes tuas mãos ao Senhor, não esperes facilidades, ouro, prerrogativas... Aprende a receber-lhe a assistência, porque o Divino Amor te restaurará as energias, mas não te proporcionará qualquer fuga às realizações do teu próprio esforço”.

•

1. REZENDE, Antônio. *Curso de Filosofia*. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, comunicação do Espírito Erasto, cap. XX, item 230, 64. Ed. FEB. 1999.

A Transfiguração

MÁRIO FRIGÉRI

“E serão todos ensinados por Deus”.

Jesus. (João, 6:45.)

Entardecia... O poente em cores flavas...
O Sol do Amor, no monte, em oração,
Ao refulgir na Transfiguração,
Parte o grilhão das mediações escravas.

Pedro, Tiago e João – as vozes cavas -,
No torvelinho da abissal visão,
Falam em tendas, com seu coração
Ardendo em fé, em fogo, em luz, em lavas!

Jesus dialoga com Moisés e Elias,
Quando tonante voz rompe as alturas:
É Deus abençoando o Seu Messias...

Nesse intercâmbio-luz sobre o Tabor,
Desvela o Cristo às gerações futuras
A Vinda em glória do Consolador!

▪

Questões acerca da natureza do Espiritismo – IV

A “Ciência Oficial”

SILVIO SENO CHIBENI

Neste artigo são tecidas algumas considerações acerca da ciência oficial ou acadêmica, que serão úteis para o esclarecimento de certas questões sobre a ciência espírita, nos artigos subseqüentes desta série. ¹

Questões:

Costuma-se dizer que a “ciência” aprova ou rejeita determinado ponto. O que devemos entender por isso? Existe realmente uma “posição oficial” da ciência? Nesse caso quais seriam os órgãos ou pessoas que poderiam ter tal prerrogativa, de determinar a posição oficial da ciência? Parece-nos que na época de Kardec essa frase normalmente se referia às grandes academias e aos órgãos oficiais dos estados europeus. Há hoje algo equivalente?

Resposta:

A autoridade de que a ciência desfruta hoje em dia entre o público em geral pode ser aquilatada pelo fato de ser freqüentemente explorada para induzir à aceitação de determinadas teses, processos, sistemas políticos, produtos de consumo, etc. Há um efeito quase que intimidador associado à rotulação de algo como ‘científico’. Bens de consumo variados, desde cremes dentais até sofisticados aparelhos eletrodomésticos são ditos terem sido elaborados por processos científicos, ou submetidos a testes científicos. Geralmente despreparadas para avaliar por si próprias se, em cada caso, a qualificação é ou não pertinente, as pessoas tornam-se vítimas de manipulações diversas.

Mesmo no plano das idéias e teorias – e isso é o que mais de perto nos interessa aqui -, a demanda por cientificidade é notória. Diversas disciplinas mais recentes na história do pensamento, ou menos seguras de seus fundamentos e métodos, procuram de alguma forma modelar-se pelas disciplinas mais estabelecidas e bem sucedidas, como a física, a química e a biologia, inquestionavelmente consideradas científicas. Em nome desse processo de modelagem, porém, têm-se produzido verdadeiras aberrações científicas, que retardam o desenvolvimento das disciplinas nascentes ou em vias de consolidação. Embora a proposta de aprender-se algo acerca da natureza da ciência, ou do chamado “método científico”, pela inspeção das disciplinas paradigmaticamente científicas seja adequada e mesmo indispensável, a falta de preparo filosófico tem amiúde levado ao seu fracasso parcial ou total.

Bastante diverso foi o resultado alcançado por Allan Kardec no desenvolvimento do Espiritismo. Possuidor de sólida formação filosófica e científica, ele soube imprimir às investigações dos novos fenômenos um cunho genuinamente científico, conforme procurei destacar nos artigos da lista de referências bibliográficas. A ciência espírita, cujos fundamentos ele lançou, tem por objeto de estudo o elemento espiritual do ser humano. Esse elemento manifesta-se em múltiplos fenômenos psicossomáticos, anímicos e mediúnicos,

sendo estes últimos os que desencadearam as pesquisas iniciais e permitiram o estabelecimento das leis básicas da teoria.

Nos referidos trabalhos, argumento, ademais, que o Espiritismo constitui a única abordagem científica disponível para essa gama de fenômenos. As propostas alternativas surgidas após ele invariavelmente incorreram nas aludidas distorções de concepção, por falta, entre outras coisas importantes, de uma adequada percepção das diferenças de objetos de estudo relativamente às ciências exatas. Em sua lucidez, Kardec reconheceu-as prontamente, apontando-as em diversas de suas obras, como por exemplo no item 7 da Introdução de *O Livro dos Espíritos* e ao longo das primeiras partes de *O que é o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns*. Estruturou então a teoria espírita em conformidade com as peculiaridades dos fenômenos de que trata, conferindo-lhe, ademais, consistência lógica, simplicidade, poder explicativo, abrangência, coerência e integração harmônica com ciências limítrofes, atributos igualmente necessários para qualquer disciplina que queira fazer jus ao título de 'científica'.

Feitas essas observações preliminares (que serão parcialmente desenvolvidas nos artigos restantes desta série), posso adentrar agora mais diretamente o tópico específico da pergunta formulada. Felizmente, posso poupar-me à maior parte da tarefa, recomendando ao leitor a consulta dos artigos de Aécio P. Chagas, "O que é a Ciência?" e "A Ciência confirma o Espiritismo?", incluídos na lista de referências bibliográficas. Nesses trabalhos a questão da ciência oficial, relativamente aos interesses espíritas, foi tratada de modo seguro e esclarecedor. Não me cabe aqui reproduzir seu conteúdo. Limitar-me-ei a lembrar alguns dos tópicos principais da análise do Prof. Chagas, estendendo um pouco a discussão para responder de forma explícita a pergunta que foi feita.

Uma distinção importante destacada nos trabalhos mencionados é aquela entre "ciência-conhecimento", "ciência-atividade" e "ciência-comunidade". Quando se afirma que a ciência aprova isso ou aquilo, a frase é passível de dupla interpretação: Ou significa que a coisa faz parte (ou pode ser deduzida) do *corpo teórico paradigmático* de uma das ciências maduras (física, química e biologia); ou, em sentido secundário, que a *comunidade científica* tem uma opinião mais ou menos geral a seu respeito, embora ela ainda não faça parte de nenhuma teoria bem estabelecida.

A idéia de uma "posição oficial" da ciência só é razoável se entendida com referência às teorias que, à época, integram os paradigmas das ciências maduras. Felizmente, não existe na ciência um Conselho Supremo (como o de certas religiões, partidos ou governos), que decida qual é a ortodoxia. É inerente à natureza da ciência contemporânea a distribuição do poder de avaliação em múltiplas instâncias, entre as quais se encontram as academias, departamentos universitários, institutos de pesquisa, agências de fomento e, principalmente, os periódicos especializados.

Os profissionais acadêmicos não ignoram que jornais e revistas especializados canalizam hoje o grosso da produção científica, possuindo complexo sistema de filtragem que em inglês se chama de "double-blind refereeing": os trabalhos submetidos para publicação são enviados anonimamente a vários membros conceituados da própria comunidade científica, que os examinam criticamente e anonimamente. Teses discrepantes dos paradigmas que não sejam maciçamente apoiadas por evidências experimentais e argumentos racionais são barradas por esse sistema. Se quisermos, podemos dizer que conflitam com a "posição oficial", mas apenas nesse sentido específico. Não estou afirmando que o sistema seja infalível, mas

ao lado de procedimentos semelhantes de rigor na preparação de profissionais, contratação, etc., asseguram o rigor das teorias, técnicas e processos da ciência, possibilitando o seu progresso seguro.

No tempo de Kardec as publicações periódicas eram em número bem menor e não haviam ainda assumido o papel central que desempenham hoje; o conhecimento científico era veiculado principalmente em livros e memórias, publicados sob iniciativa individual ou das academias. Estas últimas ocupavam, conforme se sugere na pergunta, um papel muito importante; as instâncias avaliadoras da ciência eram, pois, mais centralizadas. Não raro isso deu margem a abusos e decisões erradas, como aliás observou Kardec várias vezes, ao discutir o caráter falível das corporações científicas. Hoje abusos e erros naturalmente ainda ocorrem, porém são geralmente detectados com mais facilidade pela enorme e integrada malha da comunidade científica.

O próximo artigo examinará alguns aspectos das relações entre a ciência espírita e as ciências acadêmicas, destacando-se a esclarecida e firme postura de Allan Kardec a esse respeito. ■

1. O conteúdo do texto corresponde, com algumas adaptações, a parte de entrevista concedida por mim ao GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo), pioneiro na divulgação do Espiritismo pela Internet. A entrevista foi publicada no Boletim n. 300 (edição extra), que circulou em 7/7/1998, podendo ser encontrado no site do GEAE. Gostaria de agradecer ao GEAE a anuência para o aproveitamento do material nesta série de artigos. Sou especialmente grato aos seus membros Ademir L. Xavier Jr., pela iniciativa da entrevista, e Carlos A. Iglesia Bernardo, por haver reunido as relevantes e oportunas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Vários destes artigos encontram-se, ao lado de outros sobre temas correlacionados, disponíveis no *site* do Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp: **Error! Bookmark not defined.**)

CHAGAS, A. P. "O que é a Ciência?", *Reformador*, março de 1984, p. 80-83 e 93-95.

- "A Ciência confirma o Espiritismo?", *Reformador*, julho de 1995, p. 208-11.

CHIBENI, S. S. "Espiritismo e ciência", *Reformador*, maio de 1984, p. 144-47 e 157-59.

- "A excelência metodológica do Espiritismo", *Reformador*, novembro de 1988, p. 328-333, e dezembro de 1988, 0p. 373-378.

- "Ciência espírita", *Revista Internacional de Espiritismo*, março 1991, p. 45-52.

- "O paradigma espírita", *Reformador*, junho de 1994, p. 176-80.

FEB/CFN – Comissões Regionais

Reunião da Comissão Regional Centro

Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, sediou a Reunião Ordinária deste ano da Comissão Regional Centro do Conselho Federativo Nacional da FEB, no período de 25 a 27 de junho, com a presença de todas as Federativas Estaduais da Região: Federação Espírita do Distrito Federal (7 participantes); Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (4); Federação Espírita do Estado de Goiás (6); Federação Espírita do Estado de Mato Grosso (10); Federação Espírita de Mato Grosso do Sul (28); União Espírita Mineira (9); Federação Espírita do Estado do Tocantins (10). Pela Comissão Executiva do 1º Congresso Espírita Brasileiro, compareceram Weimar Muniz de Oliveira, Coordenador, e Aston Brian leão, ambos de Goiânia (GO).

Compunham a delegação da Federação Espírita Brasileira: os Vice-Presidentes Nestor João Masotti, Coordenador das Comissões Regionais, Cecília Rocha e Altivo Ferreira; os Diretores José Carlos da Silva Silveira e Marta Antunes de Oliveira Moura; o Assessor de Comunicação Social, Merhy Seba; as colaboradoras Maria Túlia Bertoni e Maria Euny Herrera Masotti.

CINQUENTENÁRIO DO PACTO ÁUREO

Na noite de 25 de junho foi realizada na sede da FEMS uma Sessão Comemorativa do Cinquentenário do Pacto Áureo, com apresentação inicial de números de poesia e música. Após a palavra do Presidente da Federativa anfitriã, Jeronymo Gonçalves da Fonseca, que fez a prece de abertura, e do Coordenador Nestor João Masotti, houve a palestra comemorativa, proferida por Altivo Ferreira, cuja exposição abrangeu as origens, o significado e os resultados do Pacto Áureo – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro, assinado na sede da FEB, no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1949.

DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

Com a presença de todos os participantes, iniciou-se a Reunião Geral na manhã do dia 26, com prece proferida por Cecília Rocha, havendo a apresentação dos integrantes de cada Federativa. O Coordenador prestou esclarecimentos gerais sobre as atividades que seriam desenvolvidas na Reunião dos Dirigentes e nas reuniões das Áreas específicas.

REUNIÃO DOS DIRIGENTES

Participaram dessa Reunião: pela FEB – Nestor João Masotti (Coordenador) e Altivo Ferreira (Assessor); pelas Federativas Estaduais: Distrito Federal - César de Jesus Moutinho (FEDF, Representante); Espírito Santo – Hugo Azevedo e Silva (FEEES, Representante); Goiás – Umberto Ferreira (FEEGO, Presidente); Mato Grosso – Lacordaire Abrahão Faiad (FEEMT, Presidente); Mato Grosso do Sul – Jeronymo Gonçalves da Fonseca (FEMS, Presidente); Minas Gerais – Pedro Valente da Cunha (UEM, Presidente);

Tocantins – Leila Ramos (FEETINS, Presidente); além de diversos assessores das Federativas.

Os trabalhos foram iniciados com a avaliação do assunto tratado na reunião anterior: “Preparação de trabalhadores para as atividades espíritas”. Verificou-se, pela exposição dos representantes das Federativas, que houve em todos os Estados intensa atividade nesse setor, através de seminários, encontros, cursos, visitas às Casas Espíritas, tanto nas Capitais como no Interior, buscando atrair e preparar trabalhadores para a ação federativa, o Centro Espírita e as áreas Administrativa, de Infância e Juventude, Estudo Sistematizado, Comunicação Social, Assistência e Promoção Social.

Passando para os assuntos da reunião, foi discutido o tema “Avaliação das Atividades de Apoio ao Centro Espírita”, havendo a apresentação de diversas propostas com vistas à estruturação das Federativas, para o atendimento, através de seus órgãos e departamentos, das necessidades dos Centros Espíritas. Mais uma vez ficou evidenciada a importância da preparação de trabalhadores para todos os setores de atividade do Movimento Espírita e da Casa Espírita. Registramos, entre as contribuições oferecidas, o *Projeto Qualidade – Treinamento de trabalhadores para a área administrativa*, do Espírito Santo, e as Técnicas OVCE e OVTE (*Ouvindo a Voz das Casas Espíritas e Ouvindo a Voz dos Trabalhadores Espíritas*), de Mato Grosso. Em prosseguimento, examinou-se o segundo assunto – “Sustentação das Atividades Federativas”-, expondo, cada Representante, a forma adotada por sua Instituição para obter recursos destinados à manutenção de suas atividades, tendo sempre presente a diretriz doutrinária na promoção de eventos com essa finalidade.

Na atualização do Cadastro das Entidades Espíritas, verificou-se o crescimento da quantidade de Centros Espíritas em toda a Região.

A próxima reunião será realizada em Belo Horizonte (MG), no período de 23 a 25 de junho do próximo ano, com o tema: “Natureza e finalidade do trabalho federativo”.

O Coordenador da Comissão Executiva do 1º Congresso Espírita Brasileiro informou sobre o desenvolvimento dos trabalhos preparatórios e distribuiu cartazes e *folders* sobre o evento.

SESSÃO PLENÁRIA

A Reunião Geral reiniciou-se no domingo (dia 27) pela manhã, com a sessão plenária de encerramento dos trabalhos, quando os coordenadores das Áreas específicas apresentaram os relatórios de suas reuniões:

a) Área da Atividade Mediúnica e do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com a colaboração de Maria Euny Herrera Masotti. Assuntos tratados: 1. Relatos das Federativas sobre as atividades desenvolvidas nessa Área; 2. “Avaliação da metodologia e do conteúdo programático da apostila ‘Iniciação mediúnica’, da FEB” e “Propostas de um Departamento de Mediunidade e Assistência Espiritual”. Assuntos para a próxima reunião: “1. Diagnóstico das necessidades da Área da Mediunidade e Assistência Espiritual em face do ideal de unificação; 2. Proposta de soluções para as necessidades levantadas junto aos Centros Espíritas; 3. Priorização das necessidades levantadas”.

b) Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba. Assuntos tratados: 1. Relatos das Federativas sobre as atividades

desenvolvidas pela CSE; 2. Campanha de Divulgação do Espiritismo: implementação e desenvolvimento nos Estados; 3. “Formação de Equipes Permanentes: Princípios e Motivação”. Assunto para a próxima reunião: “Comunicação e Ética: *Marketing* Religioso e Relações Humanas”.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni. Assuntos tratados: 1. Relato das Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo ESDE; 2. “Metodologia de Estudo – Importância do estudo; como estudar; bibliografia: seleção de obras; pesquisa”. Assuntos para a próxima reunião: “Metodologia de Ensino” e “Metodologia de Estudo”.

d) Área da Infância e Juventude, coordenada pela Vice-Presidente Cecília Rocha, com a colaboração de Irany Franco de Almeida. Assuntos tratados: 1. Relatos das Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo DIJ; 2. “Integração do DIJ com os demais Departamentos da Federativa Estadual e dos Órgãos Regionais”. Assunto para a próxima reunião: “Como a Federativa pode acompanhar o trabalho dos DIJs, nas Casas Espíritas, envolvendo os seguintes aspectos: 1. Mecanismos; 2. Técnicas; 3. Instrumentos”.

e) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira. Assuntos tratados: 1. Relatos das Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo SAPSE; 2. “Metodologia de Avaliação do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita” e Cadastro de Entidades e Atividades do SAPSE. Assunto para a próxima reunião: “O voluntário do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita: Recrutamento; Perfil; Preparo; Conduta”.

O relato dos assuntos tratados na Reunião dos Dirigentes foi feito pelo Assessor da Comissão. Em seguida o Coordenador concedeu a palavra ao Coordenador da Comissão Executiva do 1º CEB e aos representantes das Federativas para as considerações finais e despedidas, e fez o agradecimento, em nome da equipe da FEB, à FEMS pela acolhida fraterna, encerrando a reunião após a prece proferida pelo Presidente da Federativa anfitriã. ■

Seara Espírita

BAHIA: FÓRUM DE ESPIRITISMO

O Instituto de Divulgação Espírita da Bahia (IDEBA) promoveu nos dias 3 a 5 de setembro o 4º Fórum Baiano de Espiritismo, no Cine-teatro Casa do Comércio, em Salvador, com o tema central “O Sentido da Vida”, sendo expositores: Eleonora Peixinho, Elzio Ferreira, Marcel Mariano, Marialva Pereira e Ruy Diamantino, da Bahia; Geraldo Guimarães (RJ) e Wilson Garcia (SP).

*

URUGUAI: CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Será realizada em Montevideu, no período de 8 a 10 deste mês, a 6ª Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional, cabendo a presidência ao Paraguai. Serão tratados os seguintes assuntos: Material de apoio às atividades dos Núcleos Espíritas; Preparação de trabalhadores para as atividades espíritas; e Instrumentos de apoio às atividades do CEI.

*

R. G. DO SUL: ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul promoveu no dia 28 de agosto o Encontro Estadual de Trabalhadores de Assistência e Promoção Social Espírita, com os expositores Edvaldo Roberto de Oliveira (RJ) e José Carlos da Silva Silveira (DF), tendo por objetivo viabilizar a implantação de projetos de treinamento e desenvolvimento de recursos humanos específicos em ação social, jamais perdendo de vista a divulgação da Doutrina.

*

EUA: CONGRESSO ESPÍRITA AMERICANO

O Conselho Espírita dos Estados Unidos da América, fundado em 15 de novembro de 1997 por 17 Organizações de 9 Estados americanos, programou para o ano 2000, em Miami, nos dias 5 a 8 de outubro, a realização do Congresso Espírita Americano, com o tema central – “Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião para o Terceiro Milênio”. Cartaz em inglês e folders trilingües (inglês, espanhol e português), sobre o evento, estão sendo encaminhados às instituições e periódicos espíritas dos países americanos e europeus.

*

ESPÍRITO SANTO: IV CONGRESSO ESPÍRITA

O IV Congresso Espírita do Estado do Espírito Santo será realizado no Centro de Convenções de Guarapari, de 29 de outubro corrente a 1º de novembro, com a abordagem do tema “Desafios para o Novo Milênio”, desdobrado em diversos assuntos doutrinários e da atualidade, por expositores de vários Estados brasileiros. A iniciativa é da Federação Espírita do Estado do Espírito-Santo, com o apoio da Associação Médico-Espírita e da Cruzada dos Militares Espíritas daquele Estado.

*

PARANÁ: EVENTOS ESPÍRITAS

A Federação Espírita do Paraná promoveu diretamente, ou através de seus órgãos regionais, três importantes eventos nos meses de julho e agosto: 1. Encontro da Família Espírita nos dias 10 e 11 de julho, realizado pelo Centro Espírita “Luz Eterna”, em conjunto com as Uniões Metropolitanas de Curitiba (UREs Norte, Leste e Oeste); 2. 8ª Semana Espírita de Londrina, de 25 de julho a 1º de agosto, que reuniu 2.291 pessoas, sendo promotora a USEL – União das Sociedades Espíritas de Londrina; o Presidente da Federação Espírita do Paraná, Maurício Roberto Silva, foi um dos expositores; 3. IV Simpósio Paranaense de Espiritismo, de 20 a 22 de agosto, no Círculo Militar do Paraná, em Curitiba, com conferências, seminários e painel sobre o tema central “Amor Alma da Vida”, por Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira.

*

PORTUGAL: CICLO DE PALESTRAS

O confrade Sérgio Thiesen, do Rio de Janeiro, realizará, no período de 23 de outubro a 4 de novembro, um ciclo de palestras e seminários nas cidades de Lisboa, Porto, Águeda, Aveiro, Figueira da Foz e Leiria (nesta cidade participará do Fórum Espírita Nacional). A promoção é da Associação Espírita Maria de Nazaré, de Águeda, e da Associação Espírita de Leiria.

*

MACAÉ (RJ): 60ª Semana Espírita

Num trabalho que foi pioneiro, iniciado há sessenta anos, quando havia fortes restrições para o funcionamento dos Centros Espíritas, a União Espírita Macaense realizou no período de 17 a 24 de julho passado a sua 60ª Semana Espírita, com o desenvolvimento, em palestras e estudos, de quatorze temas evangélico-doutrinários aplicados a questões da atualidade.

*

ACRE: ENCONTRO DA FAMÍLIA

Ocorreu nos dias 23 e 24 de julho, no Auditório da Fazenda Estadual, em Rio Branco, o III Encontro da Família, na Visão Espírita, promovido pela Federação Espírita do Estado do Acre, com a participação, como expositores, de Umberto Ferreira, Presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, e Gasparina dos Anjos de Jesus, Presidente da FEEAC. O evento contou com a participação de entidades não espíritas, tais como a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, a Igreja Católica, representada pela Diocese de Rio Branco, o Conselho dos Pastores Evangélicos, a Secretaria de Apoio aos Direitos Humanos e o Conselho Tutelar.